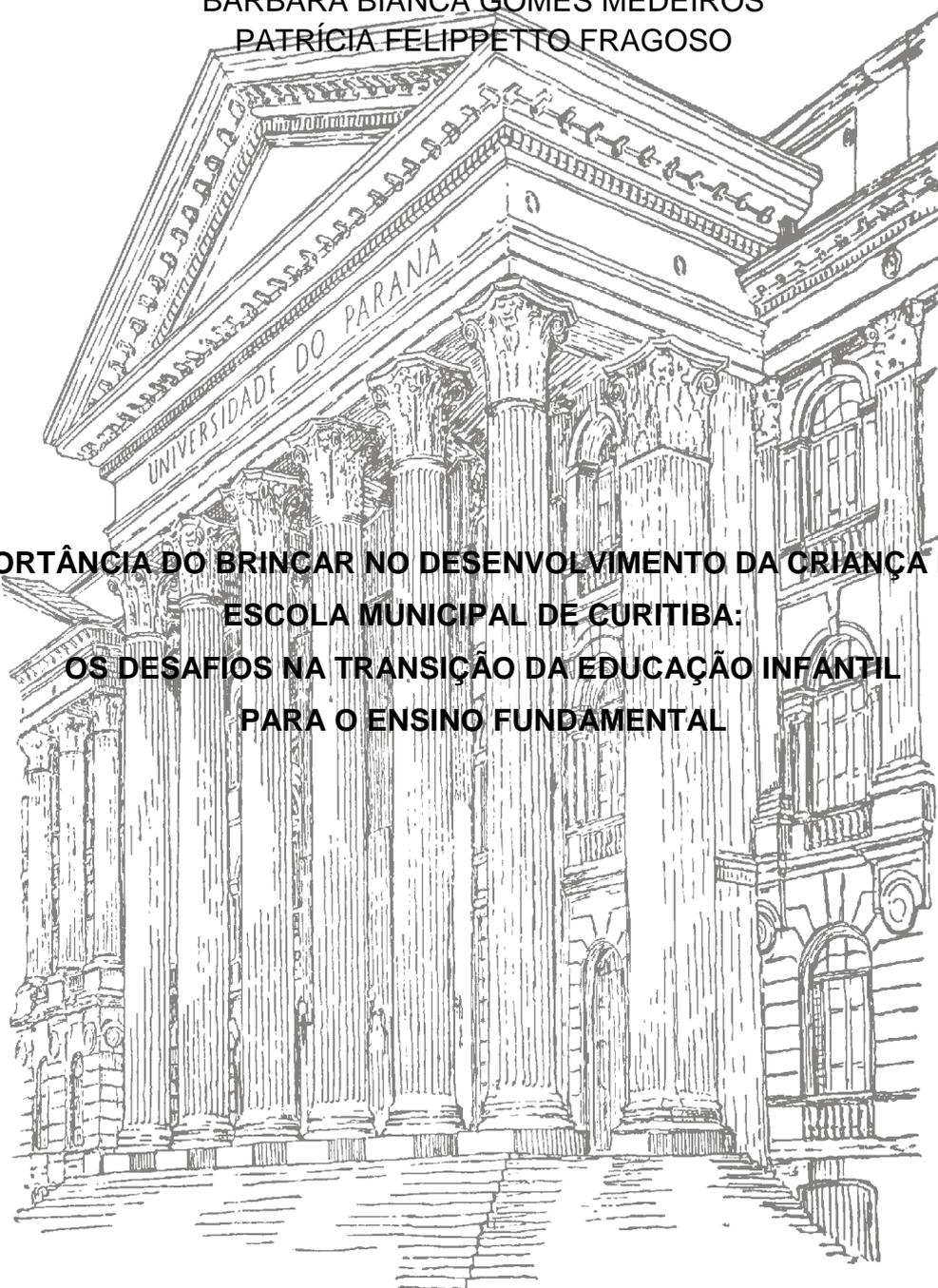


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BÁRBARA BIANCA GOMES MEDEIROS
PATRÍCIA FELIPETTO FRAGOSO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA:
OS DESAFIOS NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**



CURITIBA
2017

BÁRBARA BIANCA GOMES MEDEIROS

PATRÍCIA FELIPPETTO FRAGOSO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA:
OS DESAFIOS NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Curso Pedagogia do Setor de
Educação, da Universidade Federal do Paraná,
apresentado como requisito parcial obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Roberlayne de Oliveira Borges
Roballo.

CURITIBA
2017

***Dedicamos esse trabalho a Deus,
a nossa família, a nossos amigos
e professores.***

AGRADECIMENTOS

Nenhuma batalha é vencida sozinha, muitas pessoas passaram por nossas vidas e cada uma delas deixou um pouquinho de si e levou um pouquinho de nós.

Foram cinco anos de estudos, aprendizagens, amizades, noites mal dormidas, sentimentos de alegria e de tristeza. Compartilharam conosco desses momentos pessoas muito especiais que sempre nos fizeram acreditar que éramos capazes... Os nossos profundos agradecimentos àqueles que estiveram conosco durante todo esse processo:

Inicialmente agradecemos a Deus, que esteve sempre ao nosso lado, nos momentos mais difíceis nos quais mais precisamos, como em todos os momentos das nossas vidas.

A nossa família, que como sempre nos apoiaram, incentivando a nunca desistir dos nossos sonhos e objetivos, mas a alcançá-los e traçar outros.

A todos os nossos amigos e aos amigos que conquistamos ao decorrer desse caminho, em especial nossa colega e amiga Gabriela Gouveia Pinho, que compartilhou de todos os momentos nessa trajetória, sempre com uma palavra de carinho e incentivo.

A escola como um todo, alunos, professores, diretora, equipe pedagógica e demais funcionários que colaboraram com nossa pesquisa.

Em especial, à nossa orientadora, Profa. Dra. Roberlayne de Oliveira Borges Roballo, pela dedicação, orientações e palavras de incentivo que nos guiaram na escrita deste trabalho e, também, por ter enfrentado conosco o desafio de realizar este estudo.

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem".

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo propor uma reflexão sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil e observar como acontece esse processo dentro de uma escola, no primeiro ano do ensino fundamental da Rede Municipal de Curitiba. Destarte, em meio a muitos aspectos vinculados à infância, foi definido como tema principal de pesquisa a importância do brincar na transição da educação infantil para o ensino fundamental, especificamente no primeiro ano do ensino fundamental e seus principais desafios, pois a atividade do brincar é considerada de grande importância para o desenvolvimento da criança. Como metodologia, buscou-se em um primeiro momento, um estudo histórico, realizado por meio de análises bibliográficas, sobre a criança e a infância, e a história do brincar e da brincadeira no decorrer da história. Em seguida, por meio de uma pesquisa de campo, foi feita uma análise sobre a criança e o brincar na escola após a transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da Rede Municipal de Curitiba. As informações da pesquisa de campo, foram construídas por meio de entrevistas, e observações em uma sala de aula com crianças na faixa etária entre 5 e 7 anos do primeiro ano do ensino fundamental, com o propósito de apresentar como o brincar está sendo proporcionado no primeiro ano do ensino fundamental. Os resultados mostram maneiras diferentes de como toda criança vivencia o brincar na sua rotina escolar. Para as crianças, a hora do “recreio” é vivida como um momento mágico, pois sentem-se livres para criar e mostrar suas personalidades sem medo de errar. Porém, o que se percebe na turma de primeiro ano do ensino fundamental é que, a hora de brincar acaba sendo restrito, sendo vivenciado apenas na hora do recreio, ou em dias marcados, deixando de lado nas atividades curriculares.

Palavras-chave: Criança. Infância. Brincar. Ensino Fundamental.

SUMMARY

This work aims to propose a reflection on the importance of playing for children 's development and to observe how this process happens inside a school, in the first year of elementary school of the Municipal Network of Curitiba. Thus, in the midst of many aspects related to childhood, the main theme of research was the importance of playing in the transition from early childhood education to primary education, specifically in the first year of elementary education and its main challenges, since the activity of play is considered of great importance for the development of the child. As a methodology, it was sought at first, through bibliographical analyzes, to carry out a historical study on children and childhood, and the history of play and play in the course of history. Then, through a field research, an analysis was made on the child and playing in the school after the transition from early childhood education to the first year of elementary school in a school in the Municipal Network of Curitiba. The field research information was constructed through interviews and observations in a classroom with children in the age group between 5 and 7 years of the first year of elementary school, in order to present how the play is being applied in the first year of elementary school. The results show different ways of how every child experiences playing in their school routine. For children, the "playtime" is experienced as a magical moment because they feel free to create and show their personalities without fear of making mistakes. However, what is perceived in the first year of elementary school is that the play time ends up being restricted, being experienced only at recess, or on marked days, leaving aside the curricular activities.

Keywords: Child. Childhood. Playing. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1-BIBLIOTECA (ESPAÇO CEDIDO PELA PEDAGOGA PARA AS ENTREVISTAS).....	60
FIGURA 2- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO).....	63
FIGURA 3- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO).....	64
FIGURA 4- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO).....	64
FIGURA 5- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO).....	65
FIGURA 6- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO).....	65
FIGURA 7- SALA DE AULA (1ºANO).....	69
FIGURA 8- PARQUINHO EM REFORMA.....	69

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- MATRÍCULA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - BRASIL 2016.....	33
TABELA 2- RESPOSTAS PERGUNTA 1.....	60
TABELA 3- RESPOSTAS PERGUNTAS 2,3,4 e 7.....	61
TABELA 4- RESPOSTAS PERGUNTAS 5 e 6.....	62
TABELA 5- RESPOSTAS PERGUNTA 8.....	66
TABELA 6- RESPOSTAS PERGUNTAS 9, 10 e 11.....	67

LISTA DE SIGLAS

BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CEE	- Conselho Nacional de Educação
CMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil
CNE	- Conselho Nacional de Educação
DCN's	- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica
ECA	- Estatuto da criança e do Adolescente
FUNDEF	- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
INEP	- Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Américo Teixeira
LDB	- Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional
MEC	- Ministério da Educação
PNE	- Plano Nacional de Educação
PNAD	- Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar
RCNEI	- Referencial curricular nacional para a educação infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 HISTÓRIA DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA: CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL	14
1.1 HISTÓRIA DA CRIANÇA E INFÂNCIA	14
1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL	16
1.2.1 No Brasil	16
1.2.2 Em Curitiba	22
1.3 O ENSINO FUNDAMENTAL	28
1.3.1 No Brasil	28
1.3.2 Em Curitiba	33
2 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O BRINCAR E A BRINCADEIRA	37
2.1 A CRIANÇA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO FUNDAMENTAL	40
2.2 A CONCEPÇÃO DO BRINCAR E AS MUDANÇAS NO DECORRER DA HISTÓRIA	46
3 A CRIANÇA E O BRINCAR NA ESCOLA APÓS A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O PRIMEIRO ANO DO FUNDAMENTAL	52
3.1 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	52
3.2 O BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS	55
3.3 O BRINCAR NA ESCOLA E A RELAÇÃO LÚDICO X PEDAGÓGICO DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA	56
3.4 METODOLOGIA DE PESQUISA	57
3.5 AS ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS E OS RESULTADOS DA PESQUISA	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR	81
APÊNDICE B ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS	82
ANEXOS	83
Entrevistas	83
Autorização de Pesquisa	107

1 INTRODUÇÃO

O conceito de criança passou por muitas transformações no decorrer da história, e agora é visto como parte fundamental do desenvolvimento humano. E por ser considerada tão importante, ganhou grandes destaques em textos de autores que valorizam o período da infância.

Na contemporaneidade, é de fácil entendimento a importância do brincar no desenvolvimento integral das crianças. Portanto, separar a criança e o brincar acaba sendo um desrespeito com a criança quando se trata de infância. Deste modo, este trabalho busca ressaltar o benefício do aprender brincando e o valor que há no ensino lúdico, o qual desperta a autonomia e a segurança. E como foco principal dessa pesquisa será apresentado referências teóricas que contribuam para que se possa fazer uma reflexão sobre a importância do brincar na transição da educação infantil para o ensino fundamental e seus principais desafios como também, tornou-se importante retratar os principais aspectos da Educação infantil.

O interesse pelo tema surgiu diante de algumas disciplinas realizadas durante o curso de pedagogia, onde foram mostrados através de estudos, os grandes benefícios que o brincar proporciona na vida da criança. A partir da escolha do tema, buscou-se apresentar subsídios que mostrem aos profissionais, tanto da educação infantil como do ensino fundamental, a importância do brincar e da brincadeira durante suas práticas pedagógicas.

O desenvolvimento da metodologia teve como base alguns objetivos: analisar o brincar no processo de transição da educação infantil para o 1º ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Curitiba; buscar avaliar o que dizem alguns documentos oficiais (Constituição, Diretrizes, etc) e também, buscar compreender a partir de trabalho de campo, como é proporcionado o momento do brincar no primeiro 1º ano do ensino fundamental nas escolas municipais de Curitiba.

O brincar é reconhecido como fundamental por muitas correntes teóricas e documentos oficiais, seja na esfera nacional, estadual e municipal, a partir das quais, há uma preocupação com o bem estar da criança. Conforme o ponto de vista

da legislação, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, Lei 8.069/90) considera a brincadeira como um direito da criança e uma obrigação do Estado, da família e da sociedade em geral, que devem assegurar condições básicas para que isso aconteça.

Kishimoto (2010) ressalta que “A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos”.

Sendo assim, entende-se que é necessário proporcionar diferentes momentos do brincar, nessa etapa do desenvolvimento humano e garantir a aprendizagem, contribuindo assim para a formação da criança enquanto ser social.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, "História da criança e da infância: cenário nacional e internacional", será mostrada, em linhas gerais, a história da criança e da infância, apresentando através de contribuições de autores como Moysés kuhlmann Junior, Manuel Jacinto Sarmiento, Manuel Pinto, Philippe Áries, entre outros, em como era e como foi construído o conceito de infância e de criança no decorrer dos séculos.

O segundo capítulo, "Uma breve história sobre o brincar e a brincadeira" retrata a história do brincar e da brincadeira, com a contribuição de escritos de Vygotski, Kishimoto, entre outros, mostrando como a criança foi ganhando espaço e importância, nas metodologias lúdicas dentro das escolas com crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

E no último capítulo, "A criança e o brincar na escola após a transição da educação infantil para o primeiro ano do fundamental", são apresentados a pesquisa, por meio de observações e entrevistas realizadas com as crianças, como também, são apresentados os resultados da pesquisa, mostrando “A criança e o brincar na escola após a transição da educação infantil para o ensino fundamental” através de uma pesquisa de campo realizada com 23 crianças, entre elas um menino diagnosticado com autismo e outro que ainda não possui um diagnóstico concreto, do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da Rede Municipal de Curitiba. A importância maior deste trabalho, portanto, foi analisar como as crianças enfrentam a transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental quando se trata do brincar no cotidiano escolar.

1 HISTÓRIA DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA: CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL

1.1 HISTÓRIA DA CRIANÇA E INFÂNCIA

Neste primeiro capítulo será mostrado a história da infância e da criança, visto que, estas nem sempre foram compreendidas da mesma maneira durante o processo histórico.

Em meados do século XII na Europa, autores descrevem que a sociedade não valorizava as crianças até completar seus sete anos de idade, sendo assim, a questão da infância era desconhecida. Segundo Ariès (1978), na idade média, ninguém sabia ao certo definir uma idade para a infância, a criança só era preservada no seu tempo de fragilidade, pois, acreditava-se que a infância era definida como o período do nascimento dos dentes até os sete anos de idade, sendo que, depois disso era logo inserido na a vida adulta.

Os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida, (ARIÈS, 1978, p. 18).

Ariès (1978), afirma que as crianças sempre estavam incluídas no cotidiano dos adultos, sendo em reuniões de trabalho, passeios, ou até mesmo em jogos. Na idade média quase não existia adolescência, esta vinha atropelando a infância e trazendo a maturidade, sendo assim, a criança passava a ser um adulto em miniatura, precisando trabalhar como um adulto, fazer as mesmas tarefas e era tratado da mesma forma também, diferenciando-se apenas no tamanho e na força.

Para Bujes (2001), “cada época tem a sua maneira própria de considerar o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorrem com ela ao longo da infância”. Neste sentido, como a sociedade da idade média só passava a dar importância para as crianças após seus sete anos, a infância antes disso, era baseada em abandonos, caridade e pobreza, existindo ainda, um grande número de

mortalidade infantil, recorrentes das más condições de saúde e higiene das crianças, isso porque, naquele tempo os adultos tinham sentimentos e valores diferentes, se importavam apenas com bens materiais:

A Infância tem um significado genético e como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e cada uma delas é associado um sistema de status e de papel. (KUHLMANN, 1998, p. 16).

Destarte, percebe-se que o significado de infância e criança depende muito do contexto social, político, cultural e histórico, assim como pode-se analisar, que ainda hoje, em determinadas sociedades ou culturas, o conceito de criança e infância continua o mesmo da idade média.

Por volta dos séculos XVII, os sentimentos em relação a infância começaram a mudar. A sociedade neste contexto percebeu que era preciso olhar as crianças em suas peculiaridades e estruturas físicas, porém, esse acontecimento foi se formando lentamente.

Foi a partir do século XIX, na Europa principalmente, que a concepção de infância e de criança, passou a ter mudanças significativas, isso ocorreu com a ajuda de produções teóricas sobre a infância, como por exemplo: “Emílio ou da Educação” de Jean Jacques Rousseau, através da arte com pinturas de mães e filhos no século XIV, (a qual acabou por despertar a sensibilidade nas pessoas), e também a contribuição de reformas religiosas católicas e protestantes. Com isso, a sociedade passou a ter outras percepções, trazendo um sentimento de afetividade no âmbito da família.

Nessa perspectiva, Kuhlmann (1998) aponta que, o século XX passou a ser considerado o século da Infância e junto disso, passou-se a diferenciar o conceito de criança e de infância, colocando a primeira como um sujeito histórico social e cultural, e a segunda referindo-se a uma etapa fundamental na constituição humana. Sendo assim, compreende-se o fato de que, o “ser criança” sempre existiu independente da época, porém, não eram constituídas como categoria social, como nos mostra Sarmiento e Pinto:

Com efeito, crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social - a propósito da qual construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria. (SARMENTO E PINTO,1997, p. 1)

Segundo os autores, portanto, é difícil encontrar uma explicação certa para todas essas representações sobre a infância, a não ser o fato de os tempos atuais proporcionarem novas circunstâncias e condições a vida das crianças e a inseri-las na construção social.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL

1.2.1 No Brasil

A partir de pesquisas realizadas para desenvolver os apontamentos anteriores, entende-se que houve várias mudanças no decorrer da história, referente à criança e a infância. Contudo, uma dessas mudanças foi em relação à educação e escolarização destes indivíduos, que passaram a ser consideradas como sujeitos de grande valor para construção social.

No Brasil, por volta dos séculos XVI e XVII, segundo Marafon (s.d., p.2) era feita uma organização entre as mulheres para encontrar espaços religiosos, onde pudessem atender as crianças que muitas vezes eram abandonados ou sofriam maus tratos. Um desses lugares eram as próprias casas das mulheres, que a princípio, destinava-se como ambientes não-formais, ou seja, não existia uma instituição especializada para atender esta população, pois, a intenção educativa era apenas ensinar bons hábitos de comportamento, valores religiosos e regras morais.

No decorrer da história, aproximadamente nos séculos XVIII e XIX, o cuidado com a educação na infância passou a despertar ainda mais interesse entre os adultos, porém, nem todas as crianças desfrutavam da mesma educação, esta era diferente para a população da elite, a qual recebia mais atenção.

Foi no século XX que surgiram mudanças significativas em relação à infância, pois esta passou a ser considerada como período essencial no desenvolvimento do ser humano, e com isso, a criança passou a ser educada diferente dos adultos.

Agora era preciso que esta criança passasse a ser inserida na sociedade. Sendo assim, junto a essa nova concepção de infância, expandiram diversas modalidades de ambientes destinados a isso.

As primeiras instituições para o atendimento de crianças entre 0 a 6 anos no Brasil segundo Marafon (s.d., p.4), foram surgindo no final do século XIX, com a intenção de atender crianças de baixa renda. Existiam instituições com um propósito mais assistencialista, e outras voltadas aos mais favorecidos. Para Cerisara (1999, p.3), as instituições de educação infantil tinham o dever de delinear suas especificidades, mostrando-se uma intencionalidade e sistematização no trabalho com as crianças:

[...] todas as instituições tinham um caráter educativo: as primeiras, com uma proposta de educação assistencial voltada para a educação das crianças pobres e as outras, com uma proposta de educação escolarizante voltada para as crianças menos pobres. (CERISARA, 1999, p. 3)

Para Kishimoto (1990, p.56), junto a esses ambientes preparados para crianças pequenas, passou a existir os chamados jardins de infância, criados por Froebel na Alemanha em 1837, e alguns anos depois, acabou sendo inseridos no Brasil. Em 1875 na cidade do Rio de Janeiro surge o primeiro jardim de infância do país, entretanto, estas instituições eram destinadas a população mais favorecida.

Já quando se trata de educação pública, seu primeiro destino, foi na cidade de São Paulo, “instituição bastante conhecida e divulgada na área de história, refere-se ao jardim anexo à Escola Normal Caetano de Campos, instalado em 1896”. (KUHLMANN JR, 2001 *apud* SOUZA, s.d., n.p.).

Nesta perspectiva, a educação infantil era oferecida em duas circunstâncias distintas, umas com propósitos mais assistenciais, ou seja, com o foco voltado a higiene, alimentação ou cuidados para as crianças mais carentes, e outra com atendimentos voltados a crianças das classes mais altas, com propostas froebeliana.

Após longas transformações sociais, econômicas, educacionais, junto às mudanças no conceito de infância e criança, passou a surgir também algumas leis para garantir a proteção destes indivíduos. Em 1988 a elaboração da Constituição Federal, trouxe grandes contribuições para a educação no Brasil, como podemos analisar na citação abaixo, retirada do artigo 205 da constituição, onde nos mostra

que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, n.p.)

Desde a constituição de 1988, a educação então passou a ser direito de todos, com o intuito de proporcionar uma formação concretizada ao indivíduo e a uma educação para o desenvolvimento pleno.

Surge também no Brasil, a tradição jurídica, inaugurada pela Convenção dos Direitos da Criança¹ em 1990, a qual, “foi concebida tendo em vista a necessidade de garantir a proteção e cuidados especiais à criança, incluindo proteção jurídica apropriada, antes e depois do nascimento, em virtude de sua condição de hipossuficiente, em decorrência de sua imaturidade física e mental”. A partir disto, podemos observar alguns dos direitos que foram adquiridos para a criança:

Art 1º

Para efeitos da presente Convenção considera-se como criança todo ser humano com menos de dezoito anos de idade, a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes.

Art 6º

1. Os Estados Partes reconhecem que toda criança tem o direito inerente à vida.

Art 19º

1. Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.

Art 24º

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de gozar do melhor padrão possível de saúde e dos serviços destinados ao tratamento das doenças e à recuperação da saúde.

Art 28º

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança à educação e, a fim de que ela possa exercer progressivamente e em igualdade de condições esse direito.

Art 32º

¹ A Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), composta por 54 artigos, divididos em três partes e precedida de um preâmbulo, define o conceito de criança e estabelece parâmetros de orientação e atuação política de seus Estados-partes para a consecução dos princípios nela estabelecidos, visando ao desenvolvimento individual e social saudável da infância.

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de estar protegida contra a exploração econômica e contra o desempenho de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, ou que seja nocivo para sua saúde ou para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social.

Art 39º

Os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas para estimular a recuperação física e psicológica e a reintegração social de toda criança vítima de qualquer forma de abandono, exploração ou abuso; tortura ou outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes; ou conflitos armados. (BRASIL,1990, n.p.).

Acompanhando a construção desses direitos, temos também a contribuição do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), o qual, dispõe de proteção integral à criança e ao adolescente como mostra o artigo 2 das disposições preliminares, “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990, n.p.)

Segundo Pinto e Sarmiento (1997, p. 44), a infância constrói uma realidade que começa a se expandir a partir dos séculos XVI e XVII, como se pode observar na colocação a seguir:

A infância reduzia-se, outrora, ao curto espaço de tempo que mediava entre o nascimento e os sete anos, durante o qual as crianças exigiam ainda cuidados especiais de alimentação e proteção. As mudanças de sensibilidade que se começam a verificar a partir do renascimento tendem a diferir a integração no mundo adulto cada vez mais tarde, e a marcar, com fronteiras bem definidas o tempo da infância, progressivamente ligado ao conceito de aprendizagem e de escolarização. (PINTO e SARMENTO, 1997, p. 44)

Seguindo a reflexão acima, percebe-se que após o século XVII passou-se a existir interesse da sociedade em encontrar diferentes maneiras para respeitar o direito à educação que foram sendo impostos, os quais se pode analisar nos artigos 53 e 60 dos capítulos IV e V do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. (BRASIL,1990, n.p.)

Contudo, devemos lembrar que, nem todos esses direitos e concepções são respeitados, a criança ainda esta em processo de transformação referente a esses direitos para que sejam garantidos e assegurados dentro da sociedade.

Com o passar dos anos, com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, as crianças de 0 a 6 anos passaram a ter grande importância para a educação, visto que, através dessa lei, a criança passa a ser vista como sujeito com o direito de aprender e não mais como objeto de tutela.

Com essa transformação, o processo de formação inicial e continuada passa por importantes modificações:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal". Considerando a necessidade de um período de transição que permita incorporar os profissionais cuja escolaridade ainda não é a exigida e buscando proporcionar um tempo para adaptação das redes de ensino, esta mesma Lei dispõe no título IX, art. 87, § 4º que: "até o fim da década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço. (BRASIL, 1998, p. 39)

A educação infantil passou a ser a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (art.2º LDB). Sendo assim, nos dias de hoje, o atendimento de crianças de zero a seis anos em creches, e pré-escolas é direito assegurado pela Constituição Federal de 1988, consolidado pela LDB nº 9.394/96, art. 29:

A educação infantil é conceituada como a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, n.p.)

Seguindo esse pensamento, pode-se concluir que é um direito da criança e dever do estado garantir a oferta da educação infantil pública, gratuita e de

qualidade, sem requisito de seleção.

Atualmente, a partir de dados retirados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) 2016, “há 105,3 mil unidades com pré-escola no Brasil, sendo que, 57,4% estão na zona urbana, 72,8% são municipais e 26,3% são privadas”; o documento aponta também que “a União e os estados têm participação de 1% nesta etapa de ensino” (INEP, 2016, p.6). Esses espaços educacionais devem oferecer condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais.

Os Parâmetros Nacionais de qualidade para a educação infantil- Volume 2 (2006, p.28)², mostram que “as instituições de Educação Infantil são destinadas às crianças, brasileiras e estrangeiras, sem distinção de gênero, cor, etnia, proveniência social, credo político ou religioso, com ou sem necessidades especiais”. No entanto, essa nova concepção que norteia a educação infantil em nosso país, afirma que a educação da criança pequena agora é dever não só da família, mas também do Estado e da sociedade em que está inserida:

[...] a própria expressão educação infantil, foi adotada recentemente em nosso país, consagrada nas disposições expressas na Constituição de 1988, assim como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, para caracterizar as instituições educacionais pré-escolares, abarcando o atendimento dos 0 aos 6 anos de idade. (KUHLMANN, 1998, p. 7)

Sendo assim, a educação infantil só passou a ser reconhecida de fato, após a Constituição de 1988 e com a LDB nº 9.394/96, tornando-se parte da educação básica. Nesse sentido, a educação infantil passa a ser conceituada como uma modalidade da educação básica, que tem por objetivo “o desenvolvimento integral

²A apresentação deste documento – organizado em dois volumes - visa facilitar seu manuseio pelos leitores. O primeiro aborda aspectos relevantes para a definição de parâmetros de qualidade para a Educação Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil - Volume 2 Infantil no país. Apresenta uma concepção de criança, de pedagogia da Educação Infantil, a trajetória histórica do debate da qualidade na Educação Infantil, as principais tendências identificadas em pesquisas recentes dentro e fora do país, os desdobramentos previstos na legislação nacional para a área e consensos e polêmicas no campo. No segundo, explicitam-se, inicialmente, as competências dos sistemas de ensino e a caracterização das instituições de educação infantil a partir de definições legais, entendendo que um sistema educacional de qualidade é aquele em que as instâncias responsáveis pela gestão respeitam a legislação vigente. Finalmente, são apresentados os parâmetros de qualidade para os sistemas educacionais e para as instituições de educação infantil no Brasil, com o intuito de estabelecer uma referência nacional que subsidie os sistemas na discussão e implementação de parâmetros de qualidade locais.

da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 2013, p.36), formando indivíduos que recebem, mas também produzem cultura.

1.2.2 Em Curitiba

Como já mencionado anteriormente, os primeiros ambientes de educação infantil traziam o nome de jardim de infância. Na cidade de Curitiba, essas instituições só foram implantadas no ano de 1906, e mesmo sendo pública eram mais frequentados por famílias mais favorecidas, como podemos observar na citação abaixo:

E em 1906 foi então inaugurado o primeiro jardim-de infância público do estado anexo ao Ginásio Paranaense em Curitiba, com a matrícula de 60 crianças e sob a direção da professora Maria Francisca de Miranda, frequentado por crianças de famílias ricas. A solicitação de mais e mais jardins de infância e as finalidades que estas instituições deveriam assumir: destinar-se principalmente para os filhos dos “rústicos” e “operários”, a fim de que estes estabelecimentos exercessem o papel civilizador, reparador, de “alijar os defeitos trazidos da casa”. (SOUZA, s.d., n.p.).

No ano de 1909, foi pensado em um novo jardim de infância para conseguir atender a demanda, seria o segundo do estado. Em 1911, este espaço foi inaugurado, e ainda a partir de Souza, “mais tarde, este segundo jardim, situado à rua Silva Jardim, em Curitiba, se transformaria em “Jardim da Infância Emília Ericksen”:

Os jardins surgiram em texto legal de 1907 como um nível de ensino próprio. De modo diferente foi contemplada esta escola infantil em legislação de 1909, em que pertenciam os jardins-de infância ao ensino primário, como a primeira etapa do ensino primário, seguido do curso elementar e complementar. (SOUZA, s.d., n.p.).

Neste sentido, em meados de 1918, existiam dois jardins de infância na capital, os quais seriam o “Emilia Ericksen” e o “Maria de Miranda” para que houvesse um melhor cuidado e proteção com as crianças, melhorando assim, o atendimento a infância. Souza (s.d.) nos aponta que é preciso lembrar, que as

escolas maternas que foram construídas em 1928, e os jardins de infância, não devem ser mencionados como iguais, pois estas possuem finalidades distintas:

São instituições distintas, com finalidades e trajetórias históricas distintas. A primeira vez que surge na legislação “ensino infantil” é em 1907, por meio do decreto nº 479 de 10 de dezembro desse ano e nele se inscreve que o ensino infantil seria ministrado no jardim-de-infância da capital (de 1906) e em outros congêneres que fossem criados. (SOUZA, s.d., n.p.)

Nesta perspectiva, com o surgimento do nome “Ensino Infantil”, as instituições passaram a ser ministradas de outra maneira, e não mais apenas como assistencialistas, ou seja, sem uma finalidade pedagógica.

O caderno Princípios e Fundamentos (2016) mostra como a educação infantil foi se constituindo na rede municipal de Curitiba. O documento nos proporciona uma reflexão com uma linha do tempo referente a esta etapa da educação, como também, contribui para os professores na elaboração de uma proposta pedagógica a ser pensada futuramente. No entanto, destacamos algumas datas que consideramos a mais relevantes no momento:

A primeira iniciativa de atendimento à criança pequena no município de Curitiba ocorreu em 1929, com o surgimento da creche comunitária Escola Maternal da Sociedade Socorro aos Necessitados, hoje denominada Centro de Educação Infantil Anette Macedo. As creches comunitárias foram pioneiras no atendimento à criança em regime de creche em Curitiba. [...] 1976 Surgiram os primeiros incentivos do poder público municipal para a construção de creches. [...] Em 1977, foram inauguradas as 4 primeiras creches públicas municipais: Vila Camargo, Jardim Paranaense, Vila Hauer e Xaxim. (CURITIBA, 2016, págs.13,14)

Alguns anos mais tarde, começaram a surgir várias outras instituições para a educação na infância, segundo Márcia Barbosa Sockzec (2006)³, foram instituídos os Centros de educação infantil em Curitiba no período de 1997 a 2004, nas Gestões de Cássio Taniguchi:

³ Políticas públicas para a educação infantil no município de Curitiba (1997-2004) - Curitiba, 2006. p.163. Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação. Curso de Pós-Graduação em Educação – Linha Políticas e Gestão em Educação, Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná.

[...] a constituição das creches em Curitiba seguiu o mesmo rumo nacional, pois era vista como um espaço de guarda e cuidado para as crianças carentes. Os critérios adotados para a entrada nos Centros Municipais de Educação de Curitiba são até hoje crianças em situação de risco e o trabalho materno. (SOCKZEC, 2006, p. 45)

Ainda segundo Sockzec (2006), os direitos apontados na constituição de 1988 acabam sendo apenas expectativas para grande parte das crianças inseridas nos Centros de educação infantil do município de Curitiba. A autora aponta também como foi feito o processo de atendimento das crianças nos Centros de Educação Infantil em Curitiba:

Constatou-se que, o que levou a Prefeitura Municipal de Curitiba a construir instituições Públicas de atendimento à educação das crianças de zero a seis anos foi a reforma urbana financiada pelos empréstimos internacionais, para transformar a Cidade de Curitiba em Cidade Modelo. Para isso era preciso realizar o processo de desfavelamento e deixar a população que dependia de moradia pública longe do centro da cidade. Com isso foram construídos conjuntos habitacionais e dentro deles as primeiras Instituições de Educação Infantil, que abrigaram o trabalho de muitas mães, servindo não apenas para garantir o atendimento das crianças que mais necessitavam, mas também, para fazer com que as mães pudessem, por meio do seu serviço, garantir o pagamento da habitação em que moravam. (SOCKZEC, 2006, p. 85)

Portanto, a educação infantil na cidade de Curitiba, a princípio era centrada na guarda, com um propósito educativo visando a disciplina, com o objetivo de evitar a marginalização:

Até 1979, tinham sido construídas 10 creches, com o objetivo de atender crianças de zero a seis anos de idade, favorecendo a liberação das mães para o trabalho. Tais iniciativas focalizavam a necessidade da mãe, tendo em conta dificuldades socioeconômicas, como a baixa remuneração e o elevado número de crianças na composição familiar. (CURITIBA, 2006, p.4)

No decorrer dos anos, passaram a existir diferentes propostas para a melhoria da educação, como nos mostram as Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba (2006) Volume 2 - Educação Infantil, a qual foi construída através de conversas com profissionais da área, aonde mostraram a necessidade para que houvesse uma reavaliação nas diretrizes curriculares para o município de Curitiba:

A creche, considerada então espaço de educação, exigiu capacitação dos profissionais. Nesse sentido, entre 1989 e 1995, foram criadas oportunidades de cursos, encontros e debates com profissionais de várias áreas de trabalho dentro da Educação Infantil, por meio do Projeto Araucária – Centro de Apoio à Educação Pré-Escolar da Universidade Federal do Paraná. Os profissionais que atuavam no atendimento infantil até 1998 apresentavam o primeiro grau como formação mínima exigida. A partir desse ano, por meio do Projeto de Escolarização, desenvolvido pela Secretaria Municipal da Criança, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, eles concluíram o Ensino Médio em regime supletivo, e 120 profissionais iniciaram, em março de 2002, a Habilitação em Educação Infantil em nível médio, concluindo em julho de 2003. (CURITIBA, 2006, p. 8)

Portanto, as professoras de educação infantil deveriam terminar seus estudos obtendo capacitação para o trabalho escolar. A partir disso, em meados de 1988, pode-se mencionar também as diretrizes municipais para a Educação Infantil, instituído pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que apresentou grandes avanços para essa etapa da educação:

Entre os anos de 2003 e 2005, deu-se continuidade às discussões sobre a proposta pedagógica, emergindo a necessidade de se estabelecerem diretrizes para o trabalho educacional, abrangendo a educação básica, ou seja, a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e suas modalidades. Durante esses anos, foi iniciado processo de orientação às equipes dos CMEI's para elaboração das respectivas propostas pedagógicas, com base na versão preliminar das diretrizes para a Educação Infantil registradas no ano de 2003, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, nas Deliberações n.º 003/99 e n.º 02/05 e na participação dos profissionais em palestras e cursos promovidos pela SME. (CURITIBA, 2006, p. 10)

Estes estudos oferecidos aos profissionais da educação, tinham o propósito de colocá-los frente a situações de aprendizagens em relação a fundamentos e concepções que dialogam com o trabalho educacional.

Podemos mencionar também como parte dessa construção de direitos adquiridos nesta etapa educacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2010, a qual, nos mostra os eixos curriculares inseridos nas propostas pedagógicas dessa primeira etapa da educação. Segundo este documento, fruto da resolução 05/2009 “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”. (BRASIL, 2010, p.25)

Passou a existir também, “aprovado, em 11 de novembro, o Parecer CNE/CEB n.º 20/2009 – Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (CURITIBA, 2016, p.25), com o propósito de obter avanços significativos que possam ser validadas pelos professores, pais e crianças que frequentam esses ambientes, com a intenção de melhorar cada vez mais a oportunidade de aprender, brincar, se desenvolver, usufruindo de seus direitos.

A Rede Municipal de Ensino de Curitiba, por meio do Departamento de Educação Infantil, intensificou estudos sobre os direitos mencionados, a partir da criação dos Parâmetros e Indicadores de Qualidade para os Centros Municipais de educação Infantil, que tem como base os critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças(CURITIBA, 2009, p. 10-11):

Os parâmetros municipais são apresentados segundo a concepção de criança como sujeito de direitos, com os seguintes desdobramentos:

Nossas crianças têm direito a um espaço organizado, acolhedor, seguro e desafiador, durante sua permanência no CMEI.

1. Organização dos espaços.

Nossas crianças têm direito à brincadeira.

2. Brincadeira e organização dos brinquedos.

Nossas crianças têm direito à alimentação saudável.

3. Espaços de alimentação e sua organização.

Nossas crianças têm direito ao desenvolvimento de sua identidade.

4. Identidade.

Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade.

5. Ambiente educativo.

Nossas crianças têm direito ao desenvolvimento da curiosidade, da imaginação e da capacidade de expressão. (CURITIBA, 2009, p.10-11)

Segundo o documento, os profissionais junto com a família ainda precisam conversar e discutir, visto que, não são colocações definitivas e sim contínuas, já que, os “Parâmetros e indicadores de Qualidade são instrumentos de avaliação institucional da RME, realizada por meio de discussões que envolvem toda a comunidade escolar (profissionais das escolas, educandos (as) e familiares)” (CURITIBA, 2009, p. 5).

Outro documento importante que contribui para o desenvolvimento dessa etapa escolar refere-se ao CNE/CEB, o qual tem por finalidade as “Orientações sobre a organização e o funcionamento da Educação Infantil, inclusive sobre a formação docente, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” aprovado em 6/6/2012, (BRASIL, s.d., p. 1).

O CNE/CEB (s.d., p.6) aponta que foi estabelecido no “art. 208, que trata dos deveres do Estado e dos direitos à educação, a Constituição Federal, alterada pela EC nº 59/2009”, que o estado tem o dever de garantir a educação infantil para as crianças até 5 anos de idade.

A carga horária mínima anual para a educação infantil, não segue a mesma regra das outras etapas educacionais, a qual seria, segundo o CNE/CEB (s.d., p. 8) “oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver”. Podemos entender melhor esta colocação na citação abaixo:

2.1.2 Carga horária mínima anual da Educação Infantil. Para a etapa da Educação Infantil, a Lei não explicita a carga horária mínima anual. Entretanto, considerando que a primeira etapa da Educação Básica tem finalidades de amplo escopo, abrangendo a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças em todos os seus aspectos, é necessário que as instituições ofereçam também oportunidades para que essas finalidades se concretizem para todas e para cada criança. É evidente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil o quanto a instituição que oferta essa etapa pode e deve garantir às crianças, no cumprimento de sua função sociopolítica e pedagógica, não só a ampliação de saberes, conhecimentos e experiências, como também a construção da subjetividade e da sociabilidade, pautadas por princípios éticos, políticos e estéticos. O currículo posto dessa forma exige uma proposta pedagógica articulada e tempo para desenvolvê-la. Dessa forma, justifica-se que também na Educação Infantil as instituições ofereçam a oportunidade de acesso à mesma carga horária mínima anual definida para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, ou seja, oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho educacional. (BRASIL, s.d., p.8)

2.1.3 Turno e jornada [...] de acordo com o que dispõe a Lei nº 11.494/2007, para todas as etapas da Educação Básica, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil estabelecem que a Educação Infantil deve ser ofertada às crianças em jornada parcial de, no mínimo, quatro horas diárias, ou em jornada integral, igual ou superior a sete horas diárias. É preciso levar em conta que a criança não deve permanecer em ambiente institucional e coletivo por jornada excessiva, sob o risco de não ter atendidas suas necessidades de recolhimento, intimidade e de convivência familiar. (BRASIL, s.d., p. 9)

2.1.4 Organização e enturmação.

Na Educação Infantil, a flexibilidade de organização é especialmente desejável.

É importante também explicitar que na Educação Infantil não deve haver seriação, em seu sentido estrito, uma vez que nela não há avaliação para promoção e conseqüentemente não há repetência. Assim, o art. 23 da LDB deve ser traduzido para a primeira etapa da Educação Básica nos seguintes termos: a Educação Infantil pode organizar-se em períodos anuais, semestrais, ciclos, grupos formados por crianças da mesma idade ou de diferentes idades, ou por forma diversa de organização, sempre que o

interesse do processo de desenvolvimento e aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, s.d., p. 9)

2.1.6 Avaliação

Considera-se necessário, neste Parecer, reafirmar que a avaliação na Educação Infantil realiza-se mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de seleção, promoção ou classificação, não se admitindo a utilização de provinhas ou outros instrumentos de avaliação que as submetam a qualquer forma de ansiedade, pressão ou frustração. (BRASIL, s.d., p. 9)

Além desses, outros tópicos também são apresentados para especificar a organização da educação infantil de acordo com a LDB 13º Edição:

II – carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional; III – atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral; (BRASIL, 2016, p.13)

Através de todos esses tópicos, podemos ter uma ideia de como a Rede Municipal de ensino está organizada em relação a educação infantil, bem como seus princípios de garantia para que haja uma educação de qualidade para nossas crianças.

1.3 O ENSINO FUNDAMENTAL

1.3.1 No Brasil

A primeira Constituição no Brasil a determinar a obrigatoriedade do ensino primário, ou fundamental, com a duração de quatro anos foi a de 1934. Após essa data, a Carta Constitucional proclamada em 1967 expande para oito anos essa obrigatoriedade e a Lei nº 5.692 de 1971, alterou a composição anterior do ensino, causando a unificação do curso primário e do ginásio em um único curso, chamado 1º grau, com permanência de oito anos.

A respeito do Ensino Fundamental são ampliadas as disposições dos parágrafos 1º, no Art. 5º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96)⁴. (BRASIL, 1996, n.p.).

⁴ LDB - Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Ainda a respeito, podemos observar “Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.13)”⁵ que indicam, os objetivos a serem atingido pelos alunos do ensino fundamental, sejam:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º O poder público, na esfera de sua competência federativa, deverá: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I - recensear a população em idade escolar para o ensino fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso;

I - recensear anualmente as crianças e adolescentes em idade escolar, bem como os jovens e adultos que não concluíram a educação básica; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

⁵ Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;

- Utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1998, p. 3)

A Lei nº 11.114 de 2005, determina como obrigatório a matrícula aos 6 anos de idade no Ensino Fundamental e a partir de 06 de fevereiro de 2006, o Ensino Fundamental passa a ter duração de nove anos. Essa tentativa pretendia obter uma universalização do Ensino Fundamental, visto como meta pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), garantir o ingresso e a permanência de todas as crianças na escola.

Todavia, as redes de ensino têm total autonomia para dividir o Ensino Fundamental em ciclos, respeitando a carga horária mínima anual de 800 horas e 200 dias letivos.

Em relação a essa nova lei (Lei nº 11.114 de 2005 que altera alguns artigos da LDB/96), há uma mudança significativa de responsabilidade, pois a criança de 6 anos que antes fazia parte da educação infantil passou a ser responsabilidade do ensino fundamental, com o intuito de começar a ser alfabetizada.

Essas mudanças na lei não atingiram somente os alunos, mas também os professores de ensino fundamental, pois passaram a ter que se adequar para acolher essas crianças que antes eram responsabilidade da educação infantil.

Para Moro (2009, p. 16) é um grande desafio entender os efeitos da transição da educação infantil, para o ensino fundamental, como também, compreender como algumas pessoas envolvidas no processo de formação se colocam diante de certas determinações e de algumas decisões tomadas:

Na expectativa de poder continuar contribuindo nos processos de formação inicial e continuada de professores de crianças da educação infantil e do ano inicial do ensino fundamental, tenho enfrentado o desafio pessoal e profissional de entender os posicionamentos, as tomadas de decisão dos diferentes envolvidos, bem como, suas implicações na implantação dessa política pública que implica na transição da acolhida da criança de 6 anos, antes na Educação Infantil, agora no Ensino Fundamental.(MORO, 2009, p. 16)

No entanto, é preciso pensar em propostas que facilitem esses desafios enfrentados dentro das escolas em relação à transição, ou seja, precisamos levar em consideração que a formação inicial da criança é de extrema importância para o seu desenvolvimento.

Segundo a LDB, o objetivo principal do Ensino Fundamental Brasileiro é a formação básica do indivíduo. E para que isso, seja possível, segundo o artigo 32º da LDB, é indispensável:

- I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL,1996, n.p.)

Sobre a implantação dos nove anos de duração para o ensino fundamental a LDB 9395/96, (lei de diretrizes e bases da educação), foi modificada em seus artigos 29, 30, 32 e 87, por meio da Lei Ordinária nº 11.274/2006, estendendo a duração do Ensino Fundamental para 9 anos, instituindo como prazo para implementação da Lei até o ano de 2010, o ensino fundamental passou a ser dividido em anos iniciais e finais entendendo-se que o primeiro vai do primeiro ao quinto ano, começando com 6 anos de idade e o segundo do sexto ao nono ano.

A Lei nº 13.005/2014 do Plano Nacional de Educação (PNE), vem como uma ferramenta de projeto do Estado, a qual compete orientar o cumprimento e o aperfeiçoamento das políticas públicas educacionais:

- I - erradicação do analfabetismo;
- II – universalização do atendimento escolar;
- III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;
- IV- melhoria da qualidade da educação;
- V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
- VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;
- VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- IX – valorização dos (as) profissionais da educação;
- X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à sustentabilidade socioambiental. (BRASIL, 2014, n.p.)

O PNE 2014-2024 apresenta dez diretrizes, entre elas, a erradicação do analfabetismo a partir da alfabetização de todas as crianças até o fim do terceiro ano do ensino fundamental; o fim do analfabetismo entre os jovens e adultos; a inserção de todas as crianças de quatro e cinco anos na pré-escola; o acesso à creche das crianças de até três anos de idade e além disso o estímulo à educação profissionalizante para adolescentes e adultos, além da valorização dos profissionais de educação, que vem a ser um dos maiores desafios das políticas educacionais.

Conforme o art. 7º da Lei nº 13.005/2014, a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios atuarão em regime de colaboração para atingir as metas e implementar as estratégias prognosticadas no texto.

A execução é parte de um monitoramento ininterrupto e de avaliações recorrentes realizadas pelo Ministério da Educação (MEC), pelas comissões de educação da Câmara e do Senado, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e pelo Fórum Nacional de Educação. Com a aprovação da Lei nº 13.005/2014, a Câmara dos Deputados tem grande importância, contribuindo para assegurar a educação de todos. (BRASIL, PNE, 2014)⁶

⁶ O orçamento 2018 não prevê recurso para o complemento do plano. (No campo da educação, foi vetado o seguinte artigo: “Art. 21. A alocação de recursos na área de Educação terá por objetivo, no Projeto e na Lei Orçamentária de 2018, o cumprimento das metas previstas no Plano Nacional de Educação, Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014. Parágrafo único. A alocação de recursos de que trata o caput deverá buscar a implantação do Custo Aluno Qualidade inicial - CAQi, nos termos da estratégia 20.6 do Plano Nacional de Educação”).

Através de análises feitas no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) 2016, “São 15,3 milhões de matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental; 99,96% das matrículas são do turno diurno; 84% das matrículas estão em escolas urbanas” (BRASIL, 2016, p.14), bem como, “18% dos matriculados frequentam escolas privadas. A rede privada cresceu 34,9% em oito anos” (BRASIL, 2016, p.14). O documento aponta também que “o ensino fundamental é a maior etapa de toda educação básica, ultrapassando 27,5 milhões de matrículas – 15,3 milhões nos anos iniciais e 12,2 milhões nos anos finais” (BRASIL, 2016, p.20).

Os 15,3 milhões de matrículas nos anos iniciais estão divididos conforme tabela abaixo:

TABELA 1- MATRÍCULA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - BRASIL 2016

UNIDADE	TOTAL 1º ao 5º Ano	1º ANO	%
TOTAL	15.346.008	2.830.327	18,44
URBANA	12.889.032	2.411.913	18,71
RURAL	2.456.976	418.414	17,02
DIURNO	15.340.533	2.829.622	18,44
NOTURNO	5.475	705	12,87
FEDERAL	7.077	1.317	18,60
ESTADUAL	2.141.375	342.067	15,97
MUNICIPAL	10.440.465	1.891.938	18,12
PRIVADA	2.757.091	595.005	21,58
PÚBLICA	12.588.917	2.235.322	17,75

Fonte: MEC/INEP (2016)

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos (2010) até o século XX esta etapa da educação era a única considerada obrigatória, tendo seu marco a partir da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.39/96, onde passou a fazer parte da educação básica.

1.3.2 Em Curitiba

A primeira deliberação para tratar do ensino fundamental de 9 anos feita no Paraná se deu em 2006 a partir do momento que passou a ser obrigatório para todo

o sistema estadual de ensino. A deliberação CEE/PR nº 03/06 (PARANÁ, 2006)⁷, de 09 de junho de 2006, estabeleceu o ano de 2007 como a data para a implantação do ensino de 9 anos em todas as escolas e igualmente aos sistemas municipais unidos ao sistema estadual, sendo que o prazo concedido e outorgado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) era mais longo, o qual havia concedido período de 2006 a 2010 para implantação do mesmo:

Para o ano letivo de 2007, considerado como período de transição e em caráter de excepcionalidade, o sistema de ensino poderá adaptar os critérios usuais de matrícula, relativos à idade cronológica de admissão no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, tendo em vista o respeito ao desenvolvimento e à aprendizagem do educando, [...]. (PARANÁ, 2006, p. 1)

Esta nova organização no ensino, proporcionou mudanças significativas, avanços na educação, sendo que, segundo o documento, “o objetivo de um maior número de anos de ensino obrigatório é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e, com isso, uma aprendizagem mais ampla”. (CURITIBA, 2006, p. 17)

Portanto o ensino fundamental ficou estruturado, como anos iniciais do 1º ano ao 5º ano e os anos finais do 6º ano ao 9º ano.

Acompanhando essas mudanças, a idade para o ingresso dos educandos nesta etapa de ensino também teve alterações, pois o aluno que antes entrava no ensino fundamental com 7 anos passou a entrar com 6 anos. É Possível entender melhor esta discussão na citação a seguir retirada de um documento do Ministério da Educação, “Nota técnica de esclarecimento sobre a matrícula de crianças de 4 anos na Educação Infantil e de 8 anos no Ensino Fundamental de 9 anos”, aprovado em 2012:

⁷ O Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR) se reuniu com diversas e diferentes entidades para debater o tema. A Deliberação CEE/PR nº 03/06 (PARANÁ, 2006) de 09 de junho de 2006, que implantou os regulamentos para a implementação da política de ampliação do Ensino Fundamental nas escolas e redes municipais, unidas ao sistema estadual, gerou algumas insatisfações e até mesmo censuras. Surgiram muitas dúvidas e contrariedades por parte de pais e professores também da rede privada, uma das maiores polemicas foi a data limite para a criança ingressar no primeiro ano do ensino fundamental de 9 anos, que foi estipulada em 1º de março como data limite para completar 6 anos de idade.

A Lei nº 11.114/2005 alterou a redação do referido art. 32 da LDB, tornando o Ensino Fundamental “obrigatório e gratuito na escola pública, a partir dos seis anos de idade”. Nova redação dada ao mesmo artigo pela Lei nº 11.274/2006 caracteriza “o Ensino Fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade”. (BRASIL, 2012, p. 1)

Destas mudanças, é importante ressaltar que a permanência da criança na escola não garante uma educação de excelência, ou seja, é preciso uma modificação principalmente no que diz respeito aos conteúdos e na sua estrutura, possibilitando assim que o aluno tenha um melhor aproveitamento.

Segundo as Diretrizes Curriculares para a educação Municipal de Curitiba (2006) "as metas quantitativas de atendimento ao Ensino Fundamental estão sendo cumpridas. No entanto, ainda há o que avançar em termos de melhoria da qualidade de ensino".

O novo currículo do ensino fundamental - princípios e fundamentos (2016), aponta que a meta determinada pelos profissionais da educação no momento, é a “distribuição de material de acesso e fruição à educação de qualidade para todos (as)” (CURITIBA, 2016, p.5).

Segundo o documento, os profissionais da Rede Municipal de Educação, estão desde 2013 buscando em espaços de discussões e formação, refletir sobre as propostas utilizadas nas instituições de ensino para que seja oferecido aos educandos a equidade na educação, ou seja, uma boa escola:

A escola é uma instituição concebida e organizada para realização da ação do Estado na efetivação desse direito. É, portanto, locus privilegiado de acesso e fruição a saberes elaborados na perspectiva da emancipação social dos sujeitos, conduzindo à expansão da cidadania. Temos o desafio e a responsabilidade intransferível de oferecer uma BOA ESCOLA, ou seja, aquela que tem como horizonte a distribuição formal de escolarização de qualidade para todos (as). (CURITIBA, 2016, p. 6)

A partir disso, a “BOA ESCOLA”, tem como princípios a democracia, a equidade, o trabalho coletivo, a autonomia e o interesse público. Nesta perspectiva, foi pensado o currículo do ensino fundamental, para contribuir com estes princípios:

O Currículo do Ensino Fundamental foi produzido atendendo às nossas necessidades de uma maior definição dos conteúdos, objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação a serem trabalhados em cada ano do

ciclo. Destacamos que a opção pelo trabalho com os conteúdos por ano se insere numa perspectiva integradora do conhecimento. A análise dos documentos curriculares precisa, portanto, compreender as relações entre as suas restrições e possibilidades de ação, ou seja, o que é viabilizado ou dificultado a partir deles. (CURITIBA, 2016, p. 11)

Neste sentido, com a organização em ciclos, os professores têm a possibilidade de retomar constantemente suas aulas quando necessário, proporcionando uma aprendizagem efetiva aos seus alunos.

2 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O BRINCAR E A BRINCADEIRA

Partindo da idade média e da análise abordada no primeiro capítulo, será apresentado o brincar e o que foi enfatizado sobre o brincar na evolução social.

O brincar, não é algo recente em nossa humanidade, porém, assim como a criança e a infância, este, nem sempre obteve os mesmos conceitos dentro das sociedades.

Segundo algumas pesquisas bibliográficas, é brincando que o indivíduo apresenta suas primeiras formas de contato com o outro, desde muito cedo a criança põe em prática o ato de brincar. Seguindo este pensamento, é possível perceber que a brincadeira acaba sendo uma forma cultural das crianças:

Uma das linguagens mais significativas no desenvolvimento infantil é sem dúvida a brincadeira. Ela representa um dos meios mais acessíveis da criança aprender. É brincando que se aprende, é fazendo que se aprende a fazer, são dizeres populares que vale a pena considerá-los nesse momento. No brincar e no jogar a criança fica tão envolvida com o que está fazendo que coloca toda a sua ação, seus sentimentos e emoções. Por meio das brincadeiras a criança reconstrói meios para entender o mundo a sua volta. (SELINGER, 2004, p. 7)

Mesmo o brincar sendo tão importante para as crianças, como mencionado, estudos apontam, que no tempo dos povos mais primitivos, as crianças quase não brincavam, pois precisavam dedicar seu tempo ao trabalho, ajudando no sustento da família. A partir desta análise, é possível perceber que não era possível estabelecer clareza na distinção entre fase adulta e infância.

As brincadeiras praticadas tinham relação com as atividades adultas, era praticamente um preparo para o futuro. Segundo (ELKON, 1998, n.p. *apud* NOVAES, 2004, p. 218-221), somente após a evolução histórico-cultural, desenvolvida no decorrer dos anos pelas sociedades foi que as crianças obtiveram um pouco mais de liberdade para usufruir do ato de brincar.

A partir desses mesmos autores, uma das primeiras brincadeiras praticadas pelas crianças na antiguidade, foi o jogo, o qual, em um primeiro momento foi visto como algo não sério, ou seja, era apenas um descanso ou prazer. Mas esse entendimento não durou muito tempo, logo passou a ser comparado com as atividades de trabalho, assim como podemos ver a seguir:

[...] com Aristóteles que o contrapõe ao trabalho sério: existe o jogo porque existe o trabalho, ao homem é dada a chance de relaxar em alguma atividade, ou em um conjunto delas, para que lhe seja devolvido o ânimo e as forças necessárias para retornar, depois, ao trabalho. À criança, como não trabalha, é dada a chance de gastar seu tempo em brincadeiras, algo que é dela natural, próprio, espontâneo e mágico. Brincavam, então, na antigüidade, adultos e crianças, em atividades compartilhadas ou não, ao ar livre, nos teatros, nas arenas e nas praças públicas. Servia para o relaxamento dos adultos e, depois, para as crianças entre as atividades "escolares" da época. Para tais atividades escolares preconizavam o uso do jogo, especialmente o de imitação de atividades adultas e, logo, sérias, como forma de prepará-los para atividades futuras, a brincar (KISHIMOTO, 1994; FRIEDMANN, 1998; BROUGÈRE, 1998).

Seguindo o pensamento acima, acreditava-se que o jogo poderia ser uma boa estratégia para o preparo da vida adulta. Jogos como: lutar, combater, competir ou arremessar, eram algo em comum entre crianças e adultos, era observando e copiando os mais velhos que as crianças aprendiam suas tarefas. Porém, essa visão em relação ao jogo sofreu modificações.

Na idade média, com a chegada da igreja na civilização romana, o jogo passou a ser comparado ao ato de pecar dos adultos (sexo e álcool), o que para os religiosos era algo que não combinava com disciplina, "fator primordial para um bom aprendizado", o que acabou por ser afastado das crianças.

Já no início da Idade Moderna, as crianças começaram a ter o privilégio de poder brincar, mas também precisavam estudar.

Só a partir do renascimento, é que as crianças passaram a ser considerados indivíduos capazes de desenvolver o ato de aprender.

[...] pela primeira vez, a criança passa a ter um valor positivo, a ser considerada portadora de uma natureza boa, com sua inocência não mais relacionada ao pecado original. É ela que brinca, que joga espontaneamente e, assim, expressa-se, podendo através desta atividade aprender aspectos da moral, da ética, a história, a geografia. Brinca e ao mesmo tempo desenvolve a inteligência, facilita o estudo, a aprendizagem dos conteúdos escolares e a saúde física. (ARIÉS 1981; BROUGÈRE, 1998; KISHIMOTO, 1999)

Com todas estas evoluções em relação ao brincar, após os quatro anos, as crianças ainda praticavam as mesmas brincadeiras (jogos) que os adultos, sendo assim, de um modo geral, entende-se que, tanto os jogos como qualquer outro

brinquedo, eram estrategicamente formulados tanto para os adultos, quanto para as crianças.

Em um determinado momento da história, durante o século XVII, a brincadeira passou a fazer parte das atividades predominantes da sociedade, servindo, por exemplo, para melhorar o convívio entre as famílias e influenciando na vida social durante as festas da cidade, onde era aceitável a participação de todos (crianças e adultos).

Já no final do século XVII e início do XVIII, esse entendimento sobre o brincar passou a ter mudanças negativas, principalmente para as crianças, que ficaram restritas das atividades prazerosas. Pode-se entender melhor este apontamento na citação abaixo:

Do século XVII ao XVIII surge a preocupação de proteger a criança, de preservá-la em relação a estes aspectos, o que expressa uma certa vontade, ou desejo de educá-la. As crianças ficam proibidas de ter acesso a determinados jogos, brincadeiras, que foram consideradas inapropriadas para um ser que se supõe em formação - os jogos de carta, de azar. Alguns jogos são abandonados pela aristocracia e pela nobreza também. Esta preocupação com a criança, com a possível influência de tais jogos, denota o surgimento do sentido de criança, de infância até então ausente. (ARIÉS, 1981, n.p. apud NOVAES, 2004, p. 218).

Mesmo com a proibição de alguns tipos de jogo para as crianças, estes continuavam com preponderância no meio das camadas mais baixas da população.

Com a revolução industrial, e junto dela, surgiu um novo olhar relacionado às crianças. Estes indivíduos agora precisavam ser educados, e com isso, passaram a ser institucionalizados. Porém, o brincar e alguns jogos selecionados passaram agora a contribuir como ferramenta de ensino:

Precisava-se preparar o homem daquele futuro - racional e produtivo - tarefa árdua dos professores da época nas instituições ou nas famílias. Para isso, abolem-se por completo os aspectos físicos, sensoriais e emocionais da educação da criança, e reforça-se tudo aquilo que pode auxiliar a disciplinar sua personalidade. Ainda persiste o brincar, o jogar, mas todo ele voltado para o mesmo objetivo expresso acima, ou seja, a formação do novo homem. Era um meio educacional, e também uma forma de recreação, para depois voltar ao "treinamento". (SMITH, 1994, n. p.).

Depois de todas essas transformações no decorrer do processo histórico social, finalmente podemos ver a questão do brincar na atualidade, onde conquistou sua importância na construção social.

Atualmente, Guedes e Silva (2012, p. 3), apontam em seu artigo, que a brincadeira passou a ser vista como aliada na educação infantil, contribuindo grandemente no ensino e aprendizagem:

As aulas muitas vezes, tornam-se meras repetições de exercícios educativos, ficando a aula monótona e como consequência vazia, procura-se a solução com a utilização dos jogos para despertar na criança o interesse pela descoberta de maneira prazerosa e com responsabilidade. A interdisciplinaridade fica compatível com este método de ensino, num jogo ou brincadeira pode-se trabalhar matemática, língua portuguesa, entre outras disciplinas. (GUEDES, SILVA, 2012, p. 3)

Durante algumas leituras para o desenvolvimento desta pesquisa, percebeu-se que o brincar passou a ser uma das vivências com grande destaque na primeira fase da vida humana. Através da análise um dos documentos oficiais apresentado pelo Ministério da Educação (MEC), o “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais da Criança” (2009), é possível compreender que o direito de brincar, é colocado como o primeiro critério.

2.1 A CRIANÇA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO FUNDAMENTAL

Falar e pensar sobre transição da educação Infantil para o Ensino Fundamental, segundo Amaral (2008) é refletir sobre um período decisivo para o desenvolvimento infantil. Neste sentido, é preciso que haja um preparo por parte da equipe pedagógica, para que possam formular um planejamento adequado a partir das necessidades do educando, levando em consideração a tensão que existe entre esses dois níveis de ensino, já que, a criança ainda está se adaptando nessa nova rotina, e lembrar também, que junto a essa transição existe a questão da adaptação quanto a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração, o que acaba sendo outra novidade.

A transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental envolve muitas mudanças, como nova escola, colegas novos, outros professores, conteúdos diferentes, entre outros. Nesse sentido, para que a transição ocorra de modo satisfatório é preciso levar em consideração, as mudanças na rotina da criança. A educação infantil e ensino fundamental envolve diferentes tipos de aprendizados, já que, cada fase tem suas especificidades quando se trata de aprender e ensinar:

A inserção das crianças de 6 anos no ensino fundamental tem provocado indagações tanto para a educação infantil quanto para o ensino fundamental, especialmente no que tange aos espaços e práticas pedagógicas e sua adequação à faixa etária das crianças. (KRAMER, 2011, p. 71).

A partir da citação de Kramer, é possível perceber que uma das maiores dificuldades é continuar proporcionando para a criança os mesmos tempos e espaços oferecidos na educação infantil, pois no ensino fundamental ela é vista como alguém que está na escola para ser ensinada, a ler e escrever e a participar do processo de sistematização do conhecimento.

Quando se trata dos espaços por exemplo, percebe-se diferença quanto a organização, pois a criança sai da educação infantil onde o ambiente é organizado para as brincadeiras diárias e chega em uma sala de primeiro ano com carteiras, quase sempre organizadas em fileiras, sem espaços para brincadeiras.

Seguindo este pensamento nota-se que essa passagem da educação infantil para o ensino fundamental tende a ser uma das mais complexas para o educando e dependendo de como essa transição é feita, algumas crianças podem exercer alguma resistência a essa nova etapa de ensino/aprendizagem.

Já a criança que frequenta uma escola que possui os dois segmentos (educação infantil e ensino fundamental), essa transição acaba sendo mais tranquila, tanto para a criança quanto para o professor, pois já existe familiarização entre professores, alunos e o ambiente escolar.

Na transição da educação infantil para o ensino fundamental é necessário que se tenha uma proposta curricular que garanta a todas as crianças um ensino adequado e de qualidade, conforme afirmam os autores a seguir:

Durante o período de transição entre as duas estruturas, os sistemas devem administrar uma proposta curricular que assegure as aprendizagens tanto às crianças de seis anos quanto às de sete anos de idade que estão ingressando no ensino fundamental de nove anos, bem como àquelas ingressantes no, até então, ensino fundamental de oito anos. (BEAUCHAMP, PAGEL e NASCIMENTO, 2007, p. 7).

A transição da educação infantil e a inserção da criança de seis anos no ensino fundamental abrange muitos questionamentos e investigações a propósito de como se precisa ou não educá-las nos diversos campos do currículo.

Walter Benjamin (1987), confronta a assimilação do conhecimento com um tapete tecido, confeccionado por um artesão que, por ser exclusivo, traz alguns defeitos e deficiências no qual o tecido possui autenticidade, algo genuíno, verdadeiro o que o distingue de qualquer outro. Segundo o autor:

Todo conhecimento [...] deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. (BENJAMIM, 1987, p. 264)

A hipótese defendida pelo autor (BENJAMIM, 1987, p. 264) traz um grande desafio para os professores da educação infantil e também do ensino fundamental, o de observar e analisar como a criança está se expressando. Uma observação voltada para a criança, permitirá conhecer melhor o que é importante, como as novas noções de conhecimento que está sendo adquirido, assim como os conhecimentos que elas trazem do meio onde estão inseridas como ponto de partida para novos conhecimentos, através de um trabalho pedagógico onde a criança seja o foco.

Os professores e as professoras, a equipe diretiva e pedagógica precisam considerar a criança como foco principal do processo educativo e procurar no dia-a-dia aproximar a criança do conhecimento. Há profissionais da educação que se referem às crianças, como parte fundamental do ensino aprendizagem, já para outros, o foco principal encontra-se no teor do conteúdo, no livro didático, no momento e no ambiente, na disposição dos adultos, nos projetos. Muitas vezes o professor acaba não valorizando o conhecimento prévio do educando,

descarregando suas atividades curriculares sem ao menos levar em consideração se realmente a criança está absorvendo os saberes pedagógicos.

Muitos educadores ainda acreditam que seria inviável ter a criança como foco do processo educativo, pois consideram que seria como se submetessem a vontade da criança. Conforme defendido por Benjamin (1987, p. 264) “não é simples tricotar um tapete sem ter os materiais necessários”.

Segundo Barboza (2014), quando a criança ingressa no primeiro ano do ensino fundamental ela é vista como alguém que precisa ser alfabetizada e por isso a brincadeira não é mais considerada importante para a sua formação, e assim sendo, não faz mais parte de sua história enquanto aluno do primeiro ano do ensino fundamental:

[...] acabou a brincadeira é uma fala muito comum entre os professores, coordenadores, responsáveis e muitos outros profissionais de educação. Mas o fato de escolhê-la como título, também traz os fragmentos de outras histórias, neste caso, da minha memória de mãe ao participar da primeira reunião de pais, quando minhas filhas vivenciavam a transição da educação infantil para o 1º ano do ensino fundamental. Para Benjamim (1994) a memória se apresenta como a ressignificação das experiências vividas, um cenário ocupado por sujeitos onde se funde o passado e o presente, não como uma espécie de saudosismo, nem tão pouco a repetição de fatos passados. Lembro nitidamente da cena: a professora entrando na sala, cumprimentando a todos e dizendo: - Agora, acabou a brincadeira! No 1º ano não tem moleza (BENJAMIM, 1994 *apud* BARBOZA, 2014)

Desta forma pesquisar o brincar acaba sendo essencial na transição da educação infantil para o ensino fundamental, pois ainda há muitas questões a serem estudadas, e é preciso pensar que além de tudo, a criança de 6 anos quando é inserida no ensino fundamental ela não deixa de ser criança.

Para que a transição da educação infantil para o ensino fundamental seja satisfatória, é necessário que haja mais investimento para formação profissional, para que o professor tenha uma melhor condição e um melhor preparo em tratar a transição como algo imprescindível, para que assim, possa haver uma melhor compreensão e inclusão da criança, conforme afirma Moro:

[...] continuar contribuindo nos processos de formação inicial e continuada de professores de crianças da educação infantil e do ano inicial do ensino fundamental, tenho enfrentado o desafio pessoal e profissional de entender os posicionamentos, as tomadas de decisão dos diferentes envolvidos, bem

como, suas implicações na implantação dessa política pública que implica na transição da acolhida da criança de 6 anos, antes na Educação Infantil, agora no Ensino Fundamental. (MORO, 2009, p. 15)

A criança precisa se sentir acolhida nessa nova etapa, pois só assim ela se sentirá mais segura para poder absorver os novos conhecimentos.

A entrada da criança no ensino fundamental pode trazer muitas rupturas para o aprendizado, podendo assim, influenciar no seu desenvolvimento como um todo, por isso torna-se importante considerar a importância de se observar os conhecimentos prévios como nos indica a autora:

O trabalho de Doutorado de Lara (2003), embora não trate exclusivamente da inclusão da criança de 6 anos no Ensino Fundamental, ocupou-se em fazer um estudo longitudinal, com duração de dois anos consecutivos, sobre um grupo de crianças de 5 a 6 anos de idade, que teve por objetivo analisar as rupturas no processo ensino-aprendizagem, que influenciam o desenvolvimento da criança, decorrentes da passagem da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Com base em exemplos de experiências significativas vivenciadas pelo grupo de crianças observadas durante o estudo realizado, a autora enfatiza a ludicidade, a arte e os saberes escolares como elementos que precisam ser integrados à rotina escolar para a educação das crianças nessa transição, “[...] de forma coerente e adequada ao interesse infantil, buscando-se caminhos para a não-exclusão de quaisquer vivências imprescindíveis à construção do conhecimento”(LARA,2003,p.7 *apud* MORO, 2008, p. 60)

Apesar de ser um assunto recente, a transição da educação infantil para o ensino fundamental, já há alguns estudos e pesquisas que comprovam a divisão existente nessa transição, pois dependendo de como é feita, pode influenciar muitas vezes nos processos de aprendizagem. Portanto, é necessário aperfeiçoar e dar sequência as metodologias de aprendizagem e de ampliação do conhecimento já oferecidos, para que a criança tenha um melhor desenvolvimento no decorrer do processo:

A partir de 2006, o Brasil passa a ter uma normatização que propõe uma alteração sensível na organização da Educação Básica Nacional. Ao mesmo tempo que parece ser uma mudança simples, [...] configura-se uma mudança complexa e difícil. Um dos aspectos responsáveis por isso, talvez o mais relevante, seja justamente o fato dessa mudança imiscuir-se na articulação entre duas etapas educativas com tradições culturais bastante distintas e até mesmo opostas entre si: a Educação Infantil e o Ensino

Fundamental. (ARELARO, 2005; SANTOS; VIEIRA, 2006 *apud* MORO, 2009, p. 17)

É importante ressaltar que há a necessidade de unificar a educação infantil ao ensino fundamental, por meio da busca por um trabalho conjunto, um trabalho de qualidade entre as crianças pequenas e aquelas que estão chegando ao ensino fundamental, sempre dando prioridade à criança tanto no planejamento como no cuidado, considerando que cada criança possui as suas especificidades. Sendo assim, no momento de desenvolver o planejamento é preciso levar em consideração a criança como sujeito principal do processo de ensino aprendizagem, pois é a partir das suas experiências que ela estabelece suas próprias características.

Sustentar e defender a importância do brincar e da brincadeira no primeiro ano do ensino fundamental não quer dizer que se deva deixar de lado a alfabetização. Pois, a ludicidade, é uma importante forma de comunicação, que facilita não só a autonomia, como também contribui na relação entre a brincadeira e a aprendizagem.

Segundo Moyles (2006, p. 248), “o comportamento de brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais-sociais, intelectuais, criativas e físicas”. É preciso levar em consideração que na fase de transição além da criança passar por várias mudanças, também existem as questões dos medos e anseios do novo, com isso, é preciso respeitar e saber a forma com que ela aprende.

Neste sentido, é preciso que a escola respeite essa mudança na rotina da criança e consiga perceber e identificar suas dificuldades, para com isso, pensar em propostas que ajudem nesse processo.

Com relação ao trabalho pedagógico, na hora de planejar, é preciso que o professor e a professora leve em conta que o brincar é fundamental, pois é considerado um importante momento para a aprendizagem, visto que, no ensino fundamental essa criança precisa ser pensada nas suas diferentes peculiaridades e isso só será possível através da união da família, dos professores e da escola,

Nesta perspectiva:

[...] a transição requer uma articulação entre família e profissionais, entre os (as) profissionais atuais e os que virão a fazer parte da vida da criança e

entre crianças de diferentes faixas etárias. Esse processo de integrar relações que são importantes para a criança precisa estar no centro do projeto político-pedagógico de cada instituição, lembrando sempre de olhar e ouvir as crianças em seu cotidiano. (CURITIBA, 2016, p. 9)

Destarte, destaca-se a importância de um planejamento pensado para a criança, tendo como foco principal o seu desenvolvimento e bem-estar, propiciando o acolhimento tanto da escola, como dos profissionais envolvidos, fazendo com que a criança a partir daí crie seus próprios vínculos.

Neste sentido, pode-se dizer que é necessário haver uma articulação durante esse processo, pois segundo Silva e Flores este vocabulário passou a ser visto como um dos melhores métodos pedagógicos para acolher essas crianças que saem da educação infantil e ingressam nos anos iniciais do ensino fundamental:

(...) o respeito à diversidade de pessoas e situações por meio de um planejamento curricular com um grau de abertura que o torne flexível e que possibilite sua adequação ao contexto que está sendo desenvolvido sem se perderem de vista os objetivos educacionais propostos no projeto político-Pedagógico, seja para a educação Infantil, seja para o Ensino Fundamental. (Silva e Flores, 2015, p.193)

Portanto, entende-se que o currículo não é algo simples de ser construído, pois depende de alguns aspectos importantes, como, época, classe social e contexto, porém, fica claro também, que o currículo deve ser pensado para o educando que compõe determinada instituição.

2.2 A CONCEPÇÃO DO BRINCAR E AS MUDANÇAS NO DECORRER DA HISTÓRIA

Como mencionado anteriormente, a concepção do brincar sofreu algumas transformações no decorrer da história. Isso se deve, às diferentes mudanças sociais e culturais ocorridas até agora.

Nos dias de hoje, obtemos uma concepção do brincar diferente da Idade Média, onde não existiam muitas variedades de brincadeiras, e as poucas que tinham, eram com a intenção de preparar as crianças para atividades de trabalho.

Um dos documentos que realça a importância do brincar na educação infantil é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que diz que:

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. (BRASIL, 1998, p. 27)

O brincar e a brincadeira serve como mediação para o processo de desenvolvimento das crianças, esta por sua vez, acaba sendo algo da cultura infantil, que deve, cada vez mais, ser proporcionada no cotidiano das mesmas.

Segundo Oliveira (2000) o brincar não constitui somente o recrear, é bem mais amplo, este distingue-se como um dos métodos mais complexos que a criança tem de se comunicar com ela mesma e com o mundo em sua volta, ou seja, o desenvolvimento ocorre por meio de trocas mútuas entre elas, e que se constituem durante toda vida. No brincar, a criança pode desenvolver algumas aptidões como a memória, a atenção, a imitação ou a imaginação, além disso, propicia o crescimento da criança em outras áreas da personalidade como a inteligência, sociabilidade e a afetividade.

Para Vygotsky (1998), é nas relações com os outros que o indivíduo se forma, pelo círculo de atividades individualmente humanas, e a partir dessa visão, a brincadeira infantil passa a ter um caráter excepcional em relação a metodologia de construção do sujeito, eliminando assim, aquela visão tradicional de que ela é uma atividade espontânea de contentamento:

Um primeiro aspecto que podemos apontar é que o brincar não apenas requer muitas aprendizagens, mas constitui um espaço de aprendizagem. Vygotsky (1987) afirma que na brincadeira “a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade” (p.117). Isso porque a brincadeira, na sua visão, cria uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo que as ações da criança ultrapassem o desenvolvimento já alcançado (desenvolvimento real), impulsionando-a a

conquistar novas possibilidades de compreensão e de ação sobre o mundo. (VYGOTSKY, 1998, p. 117 *apud* BORBA, 2005, p. 36)

Vygotsky (1998) também menciona à brincadeira como uma atitude de expressão e assimilação do mundo a sua volta, das suas realizações e principalmente a partir do exemplo dos adultos em seu meio social. A facilidade e a habilidade que a criança tem em imaginar, planejar e se adaptar a novas informações e a novos conhecimentos passa a existir na criança, a partir do brincar. E é por mediação da brincadeira, da ludicidade que ela atua e participa, ainda que representando, nas diversas circunstâncias existentes, reorganizando sentimentos, informações e atitudes. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos. (BRASIL, 1998, p. 27, v.1):

No olhar da criança o brincar muitas vezes tem como significado a representação, seria como se ela estivesse representando uma pessoa ou uma situação.

A educação infantil e o ensino fundamental têm como finalidade o desenvolvimento da autonomia das crianças, da identidade e a interação com outras pessoas. E, conforme as Diretrizes Municipais (2010) a criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Sendo sujeito de direitos deve ser cuidada e educada, respeitada em suas limitações físicas e estágios cognitivos, a fim de que se desenvolva de forma saudável e positiva.

De acordo com Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil RCNEI, Brasil, (1998), brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la. É através do brincar que a criança forma conceitos, seleciona ideias, percepções e se socializa

efetivamente. O brincar é uma atividade que desenvolve habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Ao brincar as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam.

É através do lúdico também que o professor obtém informações sobre seus alunos além de estimulá-los na criatividade, interação com seus pares, na construção do raciocínio lógico matemático, nas representações de mundo, por isso, é importante brincar no Ensino Fundamental também. É preciso então entender o brincar não apenas como um momento de recreação ou entretenimento quando não há mais atividades para aplicar, mas como uma construção do eu, vinda da criança, uma porta aberta para descobertas, desenvolvimento cognitivo e interação social.

Segundo o RCNEI:

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas. Isso pode ocorrer nas instituições de educação infantil que se constituem, por excelência, em espaços de socialização, pois propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores. (BRASIL, 1998, p. 11).

Por meio das brincadeiras a criança se descobre, como sujeito em potencial, como aquele que decide quem vai ser o quê, quem dá a primeira e a última palavra, ou decide quando começa e quando quer terminar e quem estará fazendo o que, além da descoberta do outro, da cultura do outro, dos costumes do outro, de como se dá a relação com o outro.

A partir da observação atenta do profissional da educação, com olhos que não enxerguem apenas um momento de lazer pode-se constatar a importância da contribuição do lúdico, enquanto método de ensino aprendido, no desenvolvimento infantil.

Os brinquedos por sua vez são muito utilizados nas brincadeiras, mas não são peças essenciais, ou seja, não é necessário ser brinquedo para ser visto como um pelas crianças. A ação de transformar qualquer coisa naquilo que deseja

naquele momento é bem mais que o uso da imaginação infantil como tantos denominam e acham graça ao se deparar com tal situação.

Segundo Silva (2004, p. 25) o brinquedo é uma produção cultural da criança: no momento da brincadeira, a criança faz de qualquer objeto seu brinquedo, ela o cria e recria de acordo com sua imaginação, com sua brincadeira e contexto. Temos como exemplo as calculadoras que facilmente viram celulares nas mãos das crianças, os controles remotos que viram microfones, as vassouras que viram cavalos. Até brinquedos são transformados em outros brinquedos, ainda assim a criança o converte e lhe dá novo significado, ela o reproduz, ou recria: uma boneca pode se tornar um microfone, ou um tecladinho virar um computador, depende do que a criança deseja representar ou expressar, depende da sua imaginação.

Sendo assim, compreende-se que para a criança não é o brinquedo que determina a brincadeira, mas a brincadeira é que diz qual será o significado do brinquedo. O brinquedo então passa ao papel de auxiliador da criança na reconstrução de elementos da realidade, o que faz com que ela os compreenda segundo sua maneira de pensar.

À criança deve ser permitida se apropriar do brinquedo, sem interferências nem exigências, ficando livre para buscar soluções, arriscar, desenvolver a autoconfiança e a criatividade. Exigir que a criança brinque com um brinquedo e decidir a forma de brincar específicas, anulam a liberdade e a espontaneidade da brincadeira, transformando-a em tarefa.

Muitas brincadeiras não necessitam dos brinquedos, a imaginação é a maior companheira das crianças, e deve ser motivada. Não se deve impor como brincar, ou o que imitar, as crianças devem ter essa liberdade de escolha, afim de exercitarem sua autonomia, enfrentarem novos desafios, sentirem-se seguras de si e capazes.

Quanto a observação do brincar da criança, não se deve atentar aos resultados nem ao que se espera que a criança desenvolva mas deve-se observar a riqueza do momento, passar a conhecer a criança através dela mesma e das relações com os outros, sejam criança X criança ou criança X adulto. Os limites superados são essenciais para sua aprendizagem, como a desinibição, a liberdade, a integração, a coordenação, a participação em grupo, o desenvolvimento da

comunicação verbal e não-verbal e o resgate de valores, quando a criança brinca de faz-de-conta, ao mesmo tempo em que ela expõe suas angústias e medos, por meio da ação do brincar ela consegue resolver seus conflitos, desenvolve confiança e autonomia.

Durante o desenvolvimento dessas novas experiências e descobertas, o professor possui um papel de um facilitador, por vezes deve orientar e dirigir as atividades lúdicas, por outras colocar as crianças como responsáveis de suas próprias brincadeiras. É necessário deixar que elas raciocinem de forma a resolver seus próprios problemas, sem serem desprotegidas mas incentivadas ao crescimento e a descoberta:

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros (BRASIL, 1998, p. 43).

De acordo com o RCNEI, Brasil (1998), o adulto pode auxiliar na distribuição das funções, mas o interessante é que as crianças adquiram progressiva autonomia.

Desta forma, o próximo capítulo será dedicado à abordagem da pesquisa de campo, mostrando alguns desafios relatados no primeiro ano do ensino fundamental referente ao brincar no cotidiano escolar no processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental.

3 A CRIANÇA E O BRINCAR NA ESCOLA APÓS A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O PRIMEIRO ANO DO FUNDAMENTAL

3.1 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Segundo Simão de Miranda (s.d., n.p.), pesquisa é o mesmo que “busca ou procura”. Sendo assim, para o autor, o ato de pesquisar refere-se em buscar soluções para encontrar respostas de determinados assuntos ou problemas, nesse sentido, pode-se dizer que a pesquisa é o caminho para chegar ao conhecimento.

Ainda nas palavras do autor, é na pesquisa "que utilizaremos diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta mais precisa" (MIRANDA, s.d., n.p.).

Seguindo esta linha de análise, a pesquisa carrega um papel fundamental na construção do conhecimento, com isso, deve sempre estar presente no ambiente educacional, visto que, a pesquisa passa servir como mediação durante a metodologia aplicada, pois, segundo Pavanello (2003, p.8), o professor precisa ter a sua disposição um amplo conhecimento, para se tornar inovador e criativo diante de seus alunos.

Para Nervo e Ferreira (2015, p. 32) o elo entre pesquisa e pesquisador é o professor, que deve estar constantemente pesquisando e estimulando em seus alunos o gosto pela pesquisa, leitura, escrita e a curiosidade, devendo também compreender, que sua profissão não se resume em transmissão do conhecimento e sim em reconstrução do mesmo.

Citado por Bolster (1986, p. 117) a pesquisa foi de grande utilidade para o desenvolvimento da educação, contribuindo para o melhoramento do ensino:

Na educação, passou a ser mais explorada recentemente, embora Bolster (citado em Grunwaldt, 1986) defenda o fato de que tal pesquisa é a metodologia que possui maior probabilidade de gerar conhecimentos que sejam, ao mesmo tempo, intelectualmente rigorosos e de utilidade para a melhoria do ensino, Este autor acredita que "o requisito fundamental de qualquer investigação, que pretenda estar em consonância com a perspectiva dos professores sobre o ensino, é o de considerar o comportamento humano, como reflexivo"(GRUNWALDT, 1986, p. 117).

Nos dias de hoje há muitas ferramentas que podem ser utilizadas como fontes de pesquisa, livros, revistas, artigos científicos, entrevistas, dicionários, internet e tantas outras; o que podemos considerar como um grande avanço na área

da pesquisa, expandindo cada vez mais, tanto em número de pesquisas como em qualidade e diversidade e ao mesmo tempo provocando grandes transformações de contexto, como afirma André:

Ao mesmo tempo em que se observa um crescimento muito grande no número de pesquisas da área de educação nos últimos 20 anos, decorrente principalmente da expansão da pós-graduação, observa-se também muitas mudanças nos temas e problemas, nos referenciais teóricos, nas abordagens metodológicas e nos contextos de produção dos trabalhos científicos (ANDRÉ, 2005, p. 30).

A partir disso, não se pode esquecer que a pesquisa é um importante facilitador e um instrumento essencial para o professor na hora de fazer o seu planejamento, e escolher os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Essa grande variedade de informações, além de trazer muitos benefícios e grandes avanços, também originou alguns problemas para a pesquisa na área da educação, o qual destaca o autor (ANDRÉ, 2005, p. 30):

- a) questões referentes aos fins da investigação e à natureza dos conhecimentos produzidos. O que caracteriza um trabalho científico? Qual a relação entre conhecimentos científicos e outros tipos de conhecimento?
- b) questões relativas aos critérios de avaliação dos trabalhos científicos. Como julgar o que é uma boa pesquisa? Quem define esses critérios?
- c) questões voltadas aos pressupostos dos métodos e técnicas de investigação, tanto nas abordagens qualitativas quanto nas quantitativas. Como se desenvolve um estudo de caso etnográfico? Quais os principais cuidados numa pesquisa-ação? Como elaborar instrumentos válidos e fidedignos? Quando é possível generalizar os resultados? (ANDRÉ, 2005, p. 30)

Segundo Monteiro (1991, p. 31), para que a pesquisa se desenvolva sem maiores problemas é necessário termos em vista várias situações, como: a escolha do local, os meios para o desenvolvimento da pesquisa, a coleta de dados e a análise destes, como pode-se analisar na citação abaixo:

[...] o pesquisador desenvolve sua investigação bem como escolhe o local onde se efetuará o estudo e o estabelecimento dos contatos necessários para a entrada em campo.

Num segundo passo (decisão), busca-se mais sistematicamente os dados já selecionados pelo pesquisador como mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado.

E, num terceiro momento (descoberta), temos a explicação da realidade, ou seja, uma tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno

estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. É esta fase, segundo Lüdke e André (1986), que busca o desenvolvimento de teorias, um processo que vai sendo preparado durante todo o desenrolar do estudo.

De posse desses parâmetros, constata-se que uma das estratégias sempre mencionadas na coleta de dados é a observação (LÜDKE, ANDRÉ, *apud* MONTEIRO, 1991, p. 31).

Nesse sentido, entende-se que para se obter uma pesquisa de qualidade, que garanta um resultado significativo, é preciso procurar estratégias que possam contribuir para a realização da mesma.

Nesse sentido, a estratégia utilizada como subsídio para o aperfeiçoamento deste trabalho, foi à pesquisa qualitativa, a qual, segundo Monteiro (1991, p. 29) passou a ser empregada por pesquisadores da área da educação na década de 1970, sendo que, a intenção é analisar como acontece a questão do brincar e da brincadeira no primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da Rede Municipal de Curitiba, pois, a partir da observação é possível perceber como a criança se manifesta, e como se dá a sua interação com as pessoas e o mundo a sua volta, como também, entender como a ludicidade pode contribuir para esse processo de transição.

Em um dos documentos da Prefeitura Municipal de Curitiba, "Brinca Curitiba" (2015) há algumas questões a se pensar sobre a importância do brincar e da brincadeira para as crianças. A direção do Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba se reuniu e proporcionou um grande trabalho para com a sociedade. Segundo o documento, "a equipe refletiu e optou pela construção de proposições sobre o brincar das crianças curitibanas" (p. 7), com o intuito de:

- garantir o direito das crianças ao brincar;
- para valorizar o brincar como prática essencial na Educação Infantil;
- para resgatar a memória brincante curitibana, de modo a valorizar sua história e socializá-la;
- para compartilhar ações significativas que promovam um maior repertório para o brincar das crianças de Curitiba. (CURITIBA, 2015, p. 7)

Da mesma forma, esta pesquisa compreende que brincar é coisa séria, pois é através da brincadeira que a criança começa a simbolizar, desenvolve seu potencial

criativo, imita ações dos adultos, e assim vai construindo relações e se devolvendo para a vida:

Em síntese, é por meio do brincar que a criança se apropria de saberes e conhecimentos sobre a cultura que está inserida. A criança não somente reproduz esse conhecimento de mundo, mas também o interpreta, trazendo para o brincar suas próprias criações e produzindo cultura. O brincar, portanto, é uma das grandes possibilidades de valorizarmos o protagonismo infantil e participarmos da cultura da criança, que é expressada por meio de diferentes linguagens. (CURITIBA, 2015, p. 7)

A partir dessa citação, fica claro que, quando se refere as crianças, a melhor maneira de proporcionar um desenvolvimento adequado que respeite seus limites, é garantindo o direito do brincar para esses indivíduos.

3.2 O BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Nos últimos anos, a Educação Básica Brasileira passou por muitas transformações, principalmente no seu modo de estruturação e disposição. De 2005 até os dias atuais, o país vem administrando o crescimento do Ensino Fundamental de nove anos. Conforme estabelecido no Plano Nacional de Educação-PNE, na Lei nº 10.172/2001, meta 2 do Ensino Fundamental, a inserção progressiva do novo Ensino Fundamental com a introdução da criança a partir dos seis anos de idade, cogita com isso muitas intenções como:

[...] oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade (BRASIL, 2004, p. 14).

Segundo o PNE a admissão de crianças com seis anos, deve levar em conta o planejamento e as diretrizes norteadoras para o acolhimento total da criança, isto é, físico, psicológico, intelectual e social, e que não podemos esquecer que para que esse processo aconteça necessitamos ter garantia de qualidade.

3.3 O BRINCAR NA ESCOLA E A RELAÇÃO LÚDICO X PEDAGÓGICO DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA

A partir da pesquisa de campo tem se a finalidade de mostrar que o brincar pode trazer para a criança, na etapa de transição entre educação infantil e ensino fundamental um grande aprendizado, promovendo o desenvolvimento pleno da criança, estando ela em uma atividade dirigida (quando o professor impõe seus critérios metodológicos) ou livre (quando o professor deixa que as crianças escolham como preferem brincar).

A pesquisa também buscou mostrar como acontece essas duas formas do brincar, (a livre e a direcionada) dentro de uma escola, assim como o espaço onde elas acontecem.

Nesta perspectiva sobre o brincar, não é qualquer brincadeira, ou qualquer brinquedo, que servirá para ensino-aprendizagem. O brinquedo que será usado como suporte pedagógico deve ser planejado e bem elaborado, o educador deve ter cuidado também para propor adequadamente para que não perca sua função lúdica.

O brincar deve apresentar desafios para a criança e estar adequado ao seu interesse e suas necessidades criativas. O papel do educador é propiciar oportunidades para as crianças brincarem, propiciar um ambiente de atividades prazerosas, lúdicas, educativas e sociais diversas.

De acordo com Fantacholi (2011), podemos constatar que o brincar e a brincadeira são instrumentos mediadores no processo didático-pedagógico, auxiliam no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, psicológico e social da criança em formação. Fundamentais neste processo, pois estimulam o reconhecimento da criança de si como ser, a relação dela com os outros e com o mundo.

A criança aprende melhor através do brincar, e muitos conteúdos podem ser ensinados por meio de brincadeiras e atividades com brinquedos, os quais servem muitas vezes como mediação nos objetivos didático-pedagógicos que visam proporcionar o desenvolvimento integral do educando. O brincar ainda é visto como lazer e tempo livre.

Assim sendo, as práticas de ensino efetivo, podem ser proporcionadas dentro e fora da sala de aula, direcionadas ou não, práticas que tenham a finalidade

de desenvolvimento da criança.

O brincar livre, não deve servir de descanso para o professor, pois este deve estar sempre em observação, lembrando que sua intermediação poderá ser requisitada a qualquer momento, seja para incentivar ou para moderar as atividades.

O brincar dirigido não precisa ser executado com tanto rigor, precisa sempre ser flexível ao momento, ao contrário, não se aproveita em nada a ludicidade da metodologia proporcionada, como também, inibe o processo de criação, curiosidade e espontaneidade da criança, fazendo com que ela não consiga expressar seus desejos e recusas, limitando o desenvolvimento da autonomia e interesse no aprendizado.

Para que haja um melhor aproveitamento de metodologias lúdicas no ambiente educacional, é preciso também, que as escolas ofereçam espaços físicos adequados onde os professores possam proporcionar suas atividades com mais qualidade. O ideal seria, que houvesse a preocupação, de garantir condições para fornecer à criança espaços e recursos adequados, que promovam momentos de aprendizado, desenvolvimento e interação através do brincar.

É papel do educador transformar a situação, o momento de brincar não pode ser deixado para quando não há mais o que se fazer, ou para um dia apenas da semana, ou ainda, para a hora em que o docente precisa de descanso. É uma oportunidade para observar e refletir sobre a prática pedagógica, analisar particularmente, os avanços e as necessidades de cada criança, buscar reorganizar e replanejar quando necessário a proposta de trabalho que esta sendo aplicada, inserir novas estratégias que contemplem efetivamente a evolução da criança em todos os seus aspectos.

3.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este estudo consiste em um trabalho de revisão de literatura e pesquisa de campo, as observações e os dados foram coletados em uma escola que oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada no Centro, Curitiba/PR, a escola

oferece turmas de Pré II, Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, como também a Educação de Jovens e Adultos á noite.

A coleta de dados foi realizada, por meio de observação e alguns registros fotográficos. No que se refere à observação, ocorreu semanalmente, no mês de setembro/2017, toda quarta-feira, das 8h00 às 11h00, conforme combinado com a pedagoga da instituição.

Durante esse período, as observações e as entrevistas foram realizadas em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, na turma observada há duas professoras com formação em Pedagogia e uma aluna de curso de Pedagogia que realiza estágio na segunda feira.

As observações foram feitas na hora do recreio e durante as atividades em sala de aula as quais foram registradas através de anotações, onde buscou-se destacar momentos de ludicidade no cotidiano escolar das crianças.

Segundo Martins(2010, p. 69) é preciso mostrar que a observação é muito importante "no processo de contextualização do campo de pesquisa, (...) e no conhecimento das crianças (participantes da pesquisa)."

Além das observações, as entrevistas foram muito importantes pois contribuíram significativamente para a análise do brincar no primeiro ano do ensino fundamental e também serviu para dar voz às crianças, e compreender o que elas entendem sobre a questão do brincar na instituição escolar. A entrevista foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, para que esta ocorresse de forma a contribuir para pesquisa foi necessário estabelecer uma certa familiaridade com as crianças, para Martins(2010):

(...) o entrevistador precisa estabelecer com as crianças certo grau de relacionamento, de respeito e de intimidade, para que se crie certa abertura, caso contrario o pesquisador não vai obter resposta ao que esta propondo.(
DEMARTINI, 2002 *apud* MARTINS, 2010, p. 75)

E ainda durante a entrevista, pode-se perceber o quanto as crianças sentem falta dos momentos de brincar que lhe eram proporcionados na educação infantil.

3.5 AS ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS E OS RESULTADOS DA PESQUISA

Com ajuda da professora conversamos com todas as crianças se gostariam de fazer parte do Trabalho de Conclusão de Curso sobre o brincar. Foram entrevistadas 22 das 23 crianças da turma (ANEXOS 1- 22), pois uma criança não está frequentando as aulas. Foram escolhidas para participar dessa pesquisa 6 crianças, 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, na faixa etária entre 5 a 7 anos e 2 Professoras, que preferiram responder juntas a pesquisa em um único questionário (ANEXO 23), porém, para este trabalho centraremos a análise nas entrevistas com as crianças.

Para essa pesquisa vamos denominar as crianças de: criança A, criança B, criança C, criança D, criança E e criança F.

No primeiro dia conversamos com nove crianças, 6 meninos e três meninas, e foi possível observar, com relação a pergunta referente a preferência da crianças sobre a escola, que as respostas que oscilam entre gostar da escola, algumas disseram que preferem a escola atual, algumas que as duas são boas e outros que preferiam o CMEI/Pré escola.

No decorrer das observações foi conversado com as demais crianças, e após essa conversa, para não ficar algo tão extenso, foram escolhidas algumas crianças para participarem da pesquisa, as que responderam todas as perguntas e de acordo com a pesquisa realizada, demonstrando clareza em suas respostas. A entrevista aconteceu de forma tranquila, somente alguns responderam a todas as perguntas, alguns não responderam porque não sabiam ou não lembravam.

As entrevistas, para pesquisa, iniciaram já na primeira semana de permanência na escola, em setembro. No começo as crianças ficaram envergonhadas, mas ao mesmo tempo muito animadas em participar, explicamos que todas iriam participar da entrevista sobre o brincar e íamos chamar um de cada vez na biblioteca (espaço cedido pela Pedagoga), (FIGURA 1) e que seriam chamados por fila.

As crianças estavam aparentemente tranquilas, porém, a maioria não tinha muitas lembranças de quando frequentavam a educação infantil. No entanto, após todas as crianças apresentarem suas respostas, foi possível chegar a um resultado,

o qual, mostra a necessidade de inclusão da ludicidade no cotidiano escolar, dos primeiros anos do ensino fundamental.

FIGURA 1- BIBLIOTECA (ESPAÇO CEDIDO PELA PEDAGOGA PARA AS ENTREVISTAS)



FONTE: As autoras (2017)

No começo da entrevista procuramos saber as informações gerais de cada criança, como nome, idade, a pré escola ou CMEI que elas frequentaram antes.

Como primeira pergunta da pesquisa tivemos como objetivo saber o que é ser criança para elas?

TABELA 2 - RESPOSTAS PERGUNTA 1

CRIANÇA	IDADE	RESPOSTAS
A	7	R: Criança? É brincar viver a vida, sem se preocupar.
B	5	R: Legal! Porque criança pode brincar muito.
C	6	R: É muito ruim, quando as coisas estão muito altas eu não consigo pegar.
D	6	R: Ah, depende, tem dias que é bom, mas tem outros que não. É bom o dia que podemos brincar, mas quando fizemos bagunça e ficamos de castigo é muito ruim.

E	6	R: É bom ser criança, eu posso brincar, passear.
F	6	R: É uma vida muito boa, porque agora posso brincar e quando for adulta vou passar muito tempo no celular.

FONTE: As Autoras (2017)

Kishimoto está correto quando afirma em seu texto “Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia” (2010, p.1), ao analisar as respostas das crianças pode-se perceber, que o brincar e as brincadeiras estão sendo empregados como fatores primordiais em suas vidas, e que, o que as caracterizam como crianças é “poder brincar e viver a vida sem se preocupar”.

Entende-se o quão fundamental é garantir o direito da criança, para sua formação, e que cada vez mais é preciso despertar a sensibilidade dos educadores dessa faixa etária, para que seja respeitado o tempo da criança, pois é preciso levar em consideração a vontade e o desejo de brincar, pensando em possibilidades durante seu planejamento para a inserção do brincar também na sala de aula.

Segundo a maioria das respostas das crianças, ser criança é muito bom, pois podem brincar, não precisam se preocupar com problemas de adulto, o que torna a vida delas mais fácil e melhor.

Já nas perguntas 2, 3, 4 e 7 quando perguntadas sobre o que mais gostavam no CMEI/ pré-escola? As diferenças? O que tinha antes que não tem agora? Do que brincavam? Recebemos as seguintes respostas:

TABELA 3 - RESPOSTAS PERGUNTAS 2, 3, 4 e 7

CRIANÇA	IDADE	RESPOSTAS
A	7	R: Gostava muito! Brincava até cansar; Aqui eu brinco pouco e lá quando minha mãe ia me buscar chamavam no microfone, aqui não; O que mais sinto saudades é do parquinho, era muito legal, tinha areia, grama, tinha uma casinha bem legal; De massinha;
B	5	R: Sinto falta dos amigos que eu tinha; Na outra escola eu só brincava, aqui tenho que fazer as atividades que a professora faz; Faz muito tempo, não lembro.
C	6	R: Sim; Eu brincava muito e fazia muitas atividades que eu gostava, pintava, fazia desenhos e muitas coisas legais; Aqui eu só estudo por que não sou mais criança; Na outra escola tinha um parquinho bem legal, aqui não podemos brincar no parquinho por que fica trancado; Lego, massinha e pokemom.
D	6	R: Gosto muito mais daqui, por que lá a gente tinha que dormir e

		eu não gostava; Lá tinha o parquinho, mas faz muito tempo, aqui tem parquinho, mas ainda não está pronto; De desenhar.
E	6	R: Sim; de brincar de massinha, de pintar, brincar no parquinho; Lá não tinha essas carteiras que tem aqui e eu brincava mais; Sinto saudades da minha professora e do meu amigo João; Gostava do parquinho.
F	6	R: Eu gostava muito da escolinha, lá tinha três parquinhos; Tinha muitas coisas, tinha um banheiro para meninas e meninos, aqui tem banheiro separado um para menina e outro para menino; Sinto saudades das minhas amigas; Pega pega

FONTE: As Autoras (2017)

As respostas levam a refletir que as instituições de educação infantil ou CMEI's, proporcionam um espaço específico para as crianças, (o que está correta), já nas escolas de ensino fundamental, podemos perceber que isso não acontece como deveria, mesmo tendo ciência que os educandos pertencentes a estes ambientes ainda são crianças, e precisam ter garantia de seus direitos, os quais são apontados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “a BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil” (BNCC, 2017, p.53).

Portanto, os professores de anos iniciais precisam em algum momento propor em suas metodologias atividades voltadas ao brincar, respeitando esse período do desenvolvimento da criança.

A maioria das crianças citam em suas respostas o desejo de brincar no parquinho, que no momento da pesquisa encontrava-se fechado para reforma e por isso nenhuma criança tem acesso a ele até então, as crianças citam também que gostavam muito de brincar no parquinho do CMEI/Pré escola.

As crianças B,C e E também mencionam que no CMEI/Pré escola elas tinham mais tempo para brincar, a partir das respostas das crianças pode-se perceber que elas não se sentem mais crianças e em algumas atividades citadas percebe-se que as brincadeiras que elas sentem mais falta são aquelas com maior liberdade de ação (carrinho, lego, massinha, areia).

Para algumas crianças a escola não é lugar de brincar, elas associam a escola a aprendizagem, brincar somente na hora do recreio.

Nas perguntas 5 e 6 procuramos saber o que as crianças mais gostam na nova escola, quais suas brincadeiras preferidas, do que mais gostavam de brincar?

As mais citadas foram: futebol, amarelinha e pega-pega, como nos exemplificam a tabela abaixo:

TABELA 4 - RESPOSTAS PERGUNTAS 5 e 6

CRIANÇA	IDADE	RESPOSTAS
A	7	R: Da professora; Brincar de pega-pega na hora do recreio e de amarelinha.
B	5	R: Da professora; Brincar de pega-pega, amarelinha e boneca.
C	6	R: De jogar futebol no recreio; Futebol e só.
D	6	R: Hummmm, de futebol; Futebol e pega-pega.
E	6	R: Do recreio; Futebol e basquete.
F	6	R: De brincar no parquinho, mas está fechado; Esconde-esconde, pega-pega e amarelinha.

FONTE: As Autoras (2017)

É possível perceber que as crianças de ensino fundamental gostam de brincar (FIGURAS 2, 3, 4, 5 e 6) e sentem necessidade disso, nesse sentido, a escola deve proporcionar momentos e espaços para que essas atividades aconteçam de forma singular, pois segundo Kishimoto (2010, p.1), “sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver”.

FIGURA 2- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO)



FONTE: As autoras (2017)

FIGURA 3- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO)



FONTE: As autoras (2017)

FIGURA 4- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO)



FONTE: As autoras (2017)

FIGURA 5- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO)



FONTE: As autoras (2017)

FIGURA 6- BRINCADEIRA (HORA DO RECREIO)



FONTE: As autoras (2017)

Nas entrevistas (APÊNDICE B) a maioria das crianças, não citavam a palavra brincar, quando eram perguntadas se na escola era lugar de brincar, a maioria disse que era lugar de estudar. No entanto, as crianças apresentaram durante o recreio diferentes brincadeiras, mencionaram o fato de brincarem com brinquedos que ficam guardados em cima do armário, os quais são disponibilizados somente para as crianças do pré (FIGURA 7) como algo rotineiro, demonstrando que ha grande interesse por parte delas, mesmo não sendo isso que realmente ocorre, pois as professoras informaram que o primeiro ano não brinca com esses brinquedos.

Nesse sentido, pode-se perceber que os educandos sentem vontade de brincar com os brinquedos que ficam em cima do armário, talvez se as crianças tivessem acesso a esses brinquedos diminuiria por parte delas a visão de que “a escola não é lugar para brincar”. Tentamos incentivar as crianças, a falar sobre o brincar na escola, da seguinte forma:

Você acha que na escola além de estudar também podemos brincar?

TABELA 5 - RESPOSTAS PERGUNTA 8

CRIANÇA	IDADE	RESPOSTAS
A	7	R: Em casa, porque na escola é lugar de estudar.
B	5	R: A gente não brinca aqui (escola) só no parque.
C	6	R: Mais ou menos, por que temos que estudar muito, brinco com as crianças, lá de perto de minha casa.
D	6	R: Não. Lugar de brincar é em casa, minha mãe diz que escola é lugar de estudar e fazer as atividades que a professora pede.
E	6	R: Não. Na escola é lugar de estudar e fazer as atividades.
F	6	R: Sim. Na hora do recreio para as crianças, porque para os professores é hora do intervalo para eles descansarem, porque na sala de aula temos que estudar muito e não dá tempo.

FONTE: As Autoras (2017)

Pode-se compreender através das repostas das crianças, que há uma associação feita por elas entre ensino formal e sistematizado, como se a escola fosse lugar somente de estudar e aprender.

Para Vygotsky (1984, p.168), é o oposto, pois o brincar auxilia na aprendizagem e no desenvolvimento da criança, nessa definição, é possível se contrapor nas respostas das crianças em relação as perguntas da entrevista, buscando descobrir quais são as concepções estabelecidas por elas sobre o brincar.

As respostas das crianças foram analisadas focando no significado do brincar para elas, se a escola também é lugar de brincar, com quem brinca, com o que brinca, o que o brincar proporciona.

Apesar de propormos, na entrevista a escola como lugar para brincar, além de só "estudar", algumas crianças se colocaram como que se a escola fosse apenas lugar para apreender a ler e escrever, pode-se observar que a vivência do brincar ocorre de forma diferenciada entre as crianças.

Nas perguntas 9,10 e 11 perguntamos se elas brincam na escola? Se os professores brincam e se a escola possui lugares para brincar?

TABELA 6 - RESPOSTAS PERGUNTAS 9, 10 e 11

CRIANÇA	IDADE	RESPOSTAS
A	7	R: Sim, no recreio só que é bem pouquinho; Não, os professores não brincam; Tem muito espaço para brincar, tem quadra e o parquinho, mas está fechado, na sala tem alguns brinquedos, na outra escola

		tinha um banco bem duro.
B	5	R: Sim; Na hora do recreio e no dia do brinquedo (sexta feira). Não (professores); Sim tem o parquinho que está fechado e o pátio dos pequenos e o pátio dos grandes.
C	6	R: Sim, um pouquinho; Não (professores brincam); Na quadra e às vezes na sala, na minha sala tem um pouquinho de brinquedo na outra tinha mais.
D	6	R: Só um pouquinho na hora do recreio; Não (professores brincam), na hora do recreio eles têm que descansar; Sim, no pátio na hora do recreio.
E	6	R: Só na hora do recreio; Não (professores brincam). Tem lá em baixo no pátio e na sala às vezes, mas os brinquedos ficam naquela caixa em cima do armário (FIGURA 3) e eu não consigo pegar por que eu sou criança.
F	6	R: Aqui não por que na escola é lugar de estudar, mas a minha mãe brinca muito comigo; Nessa escola não, mas, lá na outra a professora brincava às vezes; Tem três espaços e mas um está em reforma.

FONTE: As Autoras (2017)

Com base nas respostas das crianças e a entrevista, pode-se perceber que as crianças apresentam uma insegurança ao falar sobre brincar na escola (de ensino fundamental) e acreditam que o pouco que elas brincam não seja suficiente para a idade deles, pois sentem-se “grandes” e precisam ter mais responsabilidades, deixando de lado o brincar. Percebe-se também que os professores não costumam interagir com as crianças quando o assunto é o brincar, e por muitas vezes não aproveitando esses momentos.

O brincar é importante, pois segundo, Kishimoto (2009):

Pelo brincar a criança aprende a simbolizar. [...] quando a criança no brincar, aprende o roteiro ou guia que subsidia a brincadeira. Para brincar de casinha, é preciso que os parceiros saibam definir os personagens, o que cada um vai fazer, qual cenário deve ser utilizado. Para qualquer brincadeira imaginária as crianças utilizam guias que lhes permitem compartilhar temas, personagens e sequências de ações. [...] Tais atividades requerem a observação do brincar, e em seguida, o planejamento conjunto com as crianças, em uma situação que já não é o brincar, mas ação mediada pelo adulto, para em seguida, introduzir elementos da cultura do adulto para ampliar as experiências da criança [...] (KISHIMOTO, 2009, n.p.).

Outra questão que chamou a atenção, nas palavras das crianças foi a vontade de brincar com os brinquedos expostos em cima do armário na sala de aula (FIGURA 7), elas observam diariamente esses brinquedos, como já citado anteriormente; segundo uma das professoras são brinquedos não disponibilizados as crianças do primeiro ano do ensino fundamental e que pertencem as crianças do pré II do período da tarde.

FIGURA 7- SALA DE AULA (1ºANO)



FONTE: As autoras (2017)

As crianças também demonstram uma grande vontade de brincar no parquinho (FIGURA 8) da escola, o qual foi muito citado pelas crianças nas entrevistas, que está fechado para reforma e as crianças não tem acesso a ele, pois segundo a professora não tem previsão de funcionamento.

FIGURA 8- PARQUINHO EM REFORMA



FONTE: As autoras (2017)

O importante é que o professor seja o mediador no momento do brincar, organizando e estruturando o espaço de forma a estimular na criança a vontade de brincar, de competir e cooperar. É a partir da aliança entre teoria e prática que acontece a valorização do conhecimento.

Não se trata de extinguir as práticas pedagógicas das salas de aula, muito pelo contrário. Esta pesquisa busca alertar para a importância do enriquecimento das atividades proporcionadas as crianças, destacar a importância do aprender brincando, o valor que há no ensino lúdico e a conquista, por parte da criança de aprendizado, autonomia e segurança.

Tanto as atividades (brincadeiras) livres como as direcionadas devem ser planejadas pelo professor, e em uma atividade livre, por exemplo, a criança aprende a criar, recriar e fantasiar e é nesse momento que o professor deve ficar atento, observando e analisando as peculiaridades de cada criança, quanto a brincadeira de forma direcionada sugere uma nova proposta, onde as atividades são planejadas e orientadas, e o professor é quem conduz o processo, com intenções específicas:

É preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. (KISHIMOTO, 2010, p. 1)

O reconhecimento e a importância do brincar, dentro dos CMEIS e Escolas, pode trazer uma nova visão, uma nova concepção de aprendizagem lúdica para dentro das salas de aulas. E por essa razão que o brincar vem se tornando de extrema importância e de maneira decisiva no desenvolvimento infantil, seja na educação infantil ou nos primeiros anos do ensino fundamental.

“Pensar sobre a infância na escola e na sala de aula é um grande desafio para o ensino fundamental que, ao longo de sua história, não tem considerado o corpo, o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade” (BRASIL, 2007, p. 30). Nesse sentido, cabe aos professores saber interligar o momento de aprender sem desrespeitar a infância:

As crianças possuem modos próprios de compreender e interagir com o mundo. A nós, professores, cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola. (BRASIL, 2007, p. 31)

Portanto, é necessário que os professores obtenham o hábito de inserir o brincar no dia-a-dia escolar, entendendo que o brincar pode ser usado como uma ferramenta de mediação durante o momento de ensino/aprendizagem, como também, construir novas metodologias que garantam e respeitem as peculiaridades da criança, tornando a escola um ambiente prazeroso para todos e lembrando que existem diversidades entre uma criança e outra, assim como afirma Kishimoto (2010, p. 11) “Não posso oferecer a mesma prática para todas: crianças diferem entre si, cada uma é diferente da outra, ainda que apresentem algumas características comuns a seus grupos culturais”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do instante em que a criança nasce, ela entra em contato com o mundo e, nesse momento começa a aprender coisas simples como o fato de respirar e interagir com o mundo externo. Nesta perspectiva, o brincar no desenvolvimento e na aprendizagem, pode-se observar sua grande importância na vida das crianças.

O brincar faz parte da infância e ao observar as crianças brincando na escola, foi possível conhecê-las melhor, seu mundo, suas experiências, tornando visíveis suas ações, construídas por elas nas brincadeiras. Isso porque o brincar se apresenta conforme aquilo que a criança já conhece e vivencia no seu Dia-a-dia.

No brincar e nas brincadeiras está presente a personalidade de cada criança, sendo uma forma de interpretar, de se relacionar e viver novas experiências, levando-as a assimilar melhor o conhecimento, a criatividade, entusiasmo.

Para Kishimoto (1999, p. 69):

O fantástico, o imaginário, expresso na brincadeira da criança quando fala com um cabo de vassoura “como se” fosse um cavalo, fica zangada com seu cãozinho imaginário porque faz sujeira no tapete da mamãe ou transforma a pedra em pássaro, mostram uma mista realidade e fantasia, em que o cotidiano toma uma aparência, adquirindo um novo significado. (KISHIMOTO (1999, p. 69).

Quando a criança cresce, o brincar vai assumindo uma nova dimensão, mais sociável, onde ela se permite aprender, dividir brinquedos, tarefas e passa a ter uma vida coletiva, onde a criança se permite considerar outros pontos de vista, sem ser somente a sua opinião:

Para Craidy (2001):

O brincar proporciona a troca de pontos de vistas diferentes, ajuda a perceber como os outros veem, auxilia a criação de interesses comuns, razão para interagir como o outro. Ele tem em cada momento da vida criança, uma função, um significado diferente e especial para quem dele participa. (CRAIDY, 2001. p. 105)

Destarte, o brincar é muito importante, pois ajuda no desenvolvimento integral da criança no ponto de vista social, afetivo e cognitivo, possibilitando que a criança estabeleça regras constituída por ela mesma ou pelo grupo que se insere, colaborando na sua relação com a sociedade, pois através do brincar como a primeira linguagem a criança cresce, promovendo assim a socialização.

Buscou-se a partir da entrevista com as crianças estabelecer uma afinidade de como o brincar faz parte do dia-a-dia e da vida das crianças. Na pesquisa realizada, observa-se uma grande preocupação quando se refere ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças do primeiro ano do ensino fundamental, os professores sentem necessidade de alfabetizar.

No ambiente escolar, foi possível perceber a preocupação em alfabetizar, onde é cobrado dos profissionais da educação, a garantia de conhecimentos aprendizagens aos educandos. Dessa forma, saber como proporcionar esses elementos exigidos de forma significativa é decisivo para o sucesso e qualidade da educação.

Nesse contexto, os profissionais de educação, principalmente aqueles que exercem sua função nos primeiros anos do ensino fundamental precisam estar cientes das necessidades existentes que enfrentam (como: nova rotina, nova escola, diferentes atividades escolares, entre outros), durante a transição da educação infantil para o ensino fundamental. Para isso é necessário possibilitar aos educandos uma adaptação mais tranquila, contribuindo para que futuramente essas crianças alcancem um bom desenvolvimento escolar.

Diante do exposto, uma das motivações para a execução dessa pesquisa foi a oportunidade de oferecer subsídios importantes para a reflexão de professores que atuam nesse processo de transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental, com o intuito de facilitar a organização de métodos do ensino/aprendizagem para essa etapa educacional. Também, buscou-se fazer uma reflexão na elaboração desta pesquisa, uma análise entre teoria e prática para assim fazer uma reflexão sobre como esta sendo inserido o brincar no cotidiano escolar, durante o processo de transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental.

Em suma uma visão em que o brincar pode e deve por que é um direito da

criança, como material educativo no auxílio à prática pedagógica do educador, seja por meio de brincadeiras com regras determinadas pelo professor ou com regras determinadas pelas próprias crianças. Brincadeiras supervisionadas ou não, brinquedos criados por professores ou pelas crianças, entre outros inúmeros modos encontrados em meio a criatividade da criança.

De acordo com o documento do Ministério da Educação “Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade” (BRASIL, 2007, p. 35), os estudos da “psicologia baseados em uma visão histórica e social dos processos de desenvolvimento infantil apontam que o brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem”. Deste modo, a ludicidade precisa ser vista como algo indispensável no cotidiano educacional, pois durante o brincar é possível analisar as crianças de uma forma diferente, podendo obter informações significativas que talvez não sejam observadas em uma metodologia rotineira (atividades sistematizadas):

Ao observarmos as crianças e os adolescentes de nossas escolas brincando, podemos conhecê-los melhor, ultrapassando os muros da escola, pois uma parte de seus mundos e experiências revela-se nas ações e significados que constroem nas suas brincadeiras. Isso porque o processo do brincar referencia-se naquilo que os sujeitos conhecem e vivenciam. (BRASIL, 2007, p. 35)

Nesse sentido, é de grande importância que os profissionais que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental tenham percepção de que a criança deve ser vista como protagonista, dentro da sala de aula e que suas peculiaridades devem ser respeitadas durante todo seu processo de formação educacional, garantindo seus direitos, adquiridos durante o processo histórico. Considerando o tempo de infância da criança, bem como suas práticas e interações, segundo o documento do Ministério da educação (BRASIL, 2007, p. 17).

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Victor Hugo; FERREIRA, Paulo Roberto Vaz. **Convenção sobre os direitos da criança.** Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado11.htm>. Acesso em: 06/09/2017.

AMARAL, A. T. **O que é Ser Criança e Viver a Infância na Escola:** uma análise da transição da educação infantil para o ensino fundamental numa escola municipal de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2006.

BARBOZA, Georgete de Moura. **IV colóquio educação, cidadania e exclusão: Didática e Avaliação.** Rio de Janeiro/2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_M D1_SA5_ID1347_28052015160938.pdf> Acesso em 17/05/2017.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II. Rua de mão única.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BORBA, A. M. **O brincar como um mundo de ser e estar no mundo.** In: BRASIL. MEC/SEB/DPE/COEF. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006, p.33-46.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 2009.

_____. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://cnebncc.mec.gov.br/docs/BNCC_Educacao_Infantil_e_Ensino_Fundamental.pdf> Acesso em: 26/10/2017.

_____. Conselho Nacional de Educação/ Câmara da Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf> Acesso em: 20/05/2017.

_____. **Plano Nacional de Educação:** Lei 13.005/2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 18/06/2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Parecer CNE/CEB nº 05/07, aprovado em 1º de fevereiro de 2007. Consulta com base nas Leis nº 11.114/2005 e nº 11.274/2006. **Tratam do Ensino**

Fundamental de nove anos e da matrícula obrigatória de crianças de seis anos no Ensino Fundamental. Brasília, 2007.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Brasília, julho 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 25/06/2017.

_____. **O Brincar- Ensino Fundamental de 9 anos.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>> Acesso em 01/08/2017.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, 05 de outubro de 1988.

_____. **Lei nº. 8.069,** de 13 de julho de 1990. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. V.1.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação.** Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF v.2; il.

_____. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 99.710.** 21 de novembro de 1990. Promulgada a Convenção sobre os Direitos da Criança.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.** 2010.

_____. **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação.** Orientações sobre a organização e o funcionamento da Educação Infantil, inclusive sobre a formação docente, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11250-pceb017-12&Itemid=30192> Acesso em: 03/10/2017.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em 03/10/2017.

_____. **A ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos. 3º relatório do programa.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosgeral.pdf>> Acesso em: 06/10/2017.

_____. **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação nota técnica de esclarecimento sobre a matrícula de Crianças de 4 Anos na Educação Infantil e de 6 anos no Ensino Fundamental de 9 anos.** Disponível em :<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10977-nota-tecnica-matricula-ensino-fundamental-140612-pdf&Itemid=30192> Acesso em 03/10/2017.

_____. **Censo Escolar da Educação Básica 2016 – Notas Estatísticas.** Brasília-DF. Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf> Acesso em 03/10/2017.

CERISARA, Ana. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Revista Perspectiva.** Florianópolis, 17, nº Especial, p. 11 - 21, jul./dez. 1999.

CORSINO, P. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BRASIL. MEC/SEB/DPE/COEF. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006, p.57-68.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: Pra que te quero?** - Porto Alegre: Artmed, 2001, p.13-22.

CURITIBA, **Parâmetros e indicadores de qualidade das escolas Municipais de Curitiba.** Disponível em <<http://multimedia.educacao.curitiba.pr.gov.br/2017/3/pdf/00127193.pdf>>. Acesso em 25/06/2017.

_____. **Currículo do ensino Fundamental 1º ao 9º ano. Vol. 1.Princípios e fundamentos.** Disponível em: <http://multimedia.cidadedoconhecimento.org.br/CidadeDoConhecimento/lateral_esquerda/menu/downloads/arquivos/10348/download10348.pdf> Acesso em: 03/10/2017.

_____. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba, Volume 2 - Educação Infantil.** Disponível em: <<http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento/downloads/arquivos/3009/download3009.pdf>> Acesso em 12/09/2017.

_____. **Processo de transição das crianças da educação infantil praticas e reflexões.** Disponível em:

<<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/cadernos-do-curriculo/8397>> Acesso em: 28/09/2017.

DORNELES, Leni Vieira. **Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca.** In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Org.). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 101-108.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. **O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – Um Olhar Psicopedagógico.** Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>>Acesso em 09/09/2017.

FARIA MIRALHA, Mayara. **ENSINO FUNDAMENTAL: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PANORAMA ATUAL.** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/ensinofundamental/ensinofundamental.pdf>> Acesso em 14/05/2017.

FAZOLO. M; CARVALHO M. C; LEITE. M. I; KRAMER. S. **Infância e educação infantil.** - campinas, SP: Papyrus, 1999. - (coleção prática pedagógica).
 FERNANDES, F. C. **Política de Ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos – Pela inclusão das crianças de seis anos de idade na educação obrigatória,** 2006. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/chagas_ensfundnovanos.pdf> Acesso em: 25 de abril de 2017.

FLORES, M. L. R.; SILVA, M. B. G. **Articulações e tensões entre a educação infantil o ensino fundamental: análises a partir do contexto recente das políticas educacionais brasileiras.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015a. Disponível em: < <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/edipucrs/Capa/PubEletrEbook>> Acesso em 2/12/2017.

GUEDES. L ; SILVA. J.B.L. **Jogos e brincadeiras como metodologia de ensino na aprendizagem,** 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/690/465>> Acesso em: 30/11/2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais Infantil: O jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes 1993.

_____. Tizuko Moschita. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 8. ed.São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Tizuko Moschita. Currículo em movimento – perspectivas Atuais. In: **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL.** Belo Horizonte, novembro de 2010

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e/é fundamental. **Revista Educação e Sociedade.** out. 2006, vol.27, n. 96, p.797-818.

KRAMER, S. et al (Org.) **Infância e Educação Infantil.** Campinas/SP: Papyrus.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre, Mediação, 1998.

MARAFON, DANIELLE. **Educação infantil no Brasil: um percurso histórico entre as ideias e as políticas públicas para a infância.** Artigo PUC-PR/FATEB. Disponível em: <www.google.com.br/search?q=deducação+infantil+no+brasil%3a+um+percurso+histórico+entre+as+idéias+e+as+políticas+públicas+para+a+infância&oq=deducação+infantil+no+brasil%3a+um+percurso+histórico+entre+as+idéias+e+as+políticas+públicas+para+a+infância> Acesso em: 08/09/2017.

MARTINS, R. C. **A organização do espaço na educação infantil: O que contam as crianças?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

MEC - BEAUCHAMP, PAGEL e NASCIMENTO (Org.). **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC, 2007.

MIRALHA, M. F. **Ensino Fundamental:** Trajetória histórica e panorama atual. Artigo. UNESP/Presidente Prudente. <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/ensinofundamental/ensinofundamental.pdf>> Acesso em 14/05/2017.

MIRANDA, Simão. **Pesquisa e Método - Os Caminhos do Saber.** Brasília (s.d., n.p.)

MOYLES, J. R. **A excelência do brincar:** a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese, Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORO, C. S. **Ensino Fundamental de 9 anos:** O que dizem as professoras do 1º ano. Dissertação (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MOTTA, F. M. N. **De crianças a alunos:** a transição da educação infantil para o ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2013.

MÜLLER, F. Entrevista com Willian Corsaro. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 28 nº 98, Campinas, Jan./Apr, 2007, p. 271-278.

NOVAES, LUIZA HELENA VINHOLES SIQUEIRA. **Uma pequena história sobre o brincar.** Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=2825> Acesso em: 13/09/2017.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PARANÁ. **Deliberação CEE/PR nº 05/06.** Aprovado em 1º de setembro de 2006. Orientações para a implantação do ensino fundamental de nove anos. Curitiba, 2006.

_____. **Resultados do Censo Escolar da Educação Básica - 2016 Série Histórica das Matrículas na Educação Básica por etapa de Ensino e DPA - Paraná - 2000-2016.** Disponível em : <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/Censo/serie_historica2016.pdf> Acesso em: 05/10/2017.

ROCHA, I L. **O ensino fundamental no brasil – uma análise da efetivação do direito à educação obrigatória.** Universidade Federal de Alagoas – Brasil.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação.** Tradução de ROBERTO LEAL FERREIRA. 4ªed.- São Paulo: Martins Fontes, 2014 - (paidéia).

SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo** In: Pinto, M.; Sarmento, M.J. (Org.). **As Crianças: contextos e identidades.** Braga: Centro de Estudos da Crianças/Universidade do Minho, 1997, p.9-30.

SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, Manuel. **As crianças contextos e**

identidades. Disponível em
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40377/1/MP_MJS_1997_crianças_contextos.pdf> Acesso em:25/06/2017.

SILVA, R.C. Brinquedo. In: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. p. 25 – 29.

SOCZEK, M. B., **Políticas públicas para a educação infantil no município de Curitiba** (1997-2004) - Curitiba, 2006. p.163.

SOUZA, GIZELE. **História da educação infantil no Paraná: os jardins-de-infância públicos em cena no limiar das primeiras décadas do século xx**.Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT07-5901--Int.pdf>>. Acesso em: 08/09/2017.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de ZOIA PRESTES. Rio de Janeiro: **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, nº11, julho de 2008. Disponível em: <In: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>> Acesso em: 25/04/2017.

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR

1. Sobre o professor(a):

_ Qual a sua formação:

_ Tempo de carreira:

_ Tempo de trabalho nesta escola:

2. Professora, qual o significado de infância para você?

3. Na mesma linha da pergunta anterior, qual a importância do brincar hoje no Ensino Fundamental?

4. Na escola, há integração entre a Educação Infantil e Ensino Fundamental no processo de transição do pré para o 1º ano?

5. A integração acontece nas duas situações:

- Da pré escola para o 1º ano?

- Dos CMEI's do entorno para a Escola?

6. Como professora você pensa ser importante a integração entre educação infantil e ensino fundamental? Por que?

7. Como é tratado o brincar e a brincadeira neste processo de transição? São realizadas atividades que levam em conta o que se realizava na educação infantil?

8. A escola proporciona algum tipo de preparação para essas crianças que ingressam no primeiro ano do ensino fundamental?

9. Haetinger (2013) menciona em seu livro "O universo criativo da criança na educação" que as experiências do brincar na escola auxiliam a formação de vínculos entre alunos e professores e certamente facilitam a aprendizagem. Você concorda com essa afirmação?

10. O brincar e as brincadeiras estão presentes no seu planejamento? De que forma? Qual a frequência?

11. Segundo Walter Benjamin (1980), "A essência do brincar não é um "fazer como se", mas um "fazer sempre de novo", ou seja, a criança gosta de repetir várias vezes a mesma brincadeira. Na sua opinião, isso contribui para novos conhecimentos das crianças ou não muda muita coisa?"

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

1. O que é ser criança para você?
2. Você gostava do CMEI? Ou do Pré da Escola? Do que gostava mais no CMEI?
3. Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?
4. O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI (pré) que você sente saudades?
5. O que você mais gosta na nova escola?
6. Quais suas brincadeiras preferidas?
7. Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?
8. Você acha que escola também é lugar de brincar?
9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?
10. Seus professores brincam com vocês?
11. A escola tem espaços para brincar? Quais são?

ANEXOS

Entrevistas

ANEXO 1

Criança A (7anos)

1. O que é ser criança para você?

R: Criança? é brincar viver a vida sem se preocupar.

2.Você gostava do CMEI/Pré da Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:gostava muito! Brincava muito até cansar.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Aqui eu brinco pouco e lá quando minha mãe ia me buscar chamavam no microfone, aqui não.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré) que você sente saudades?

R: O que mais sinto saudades é do parquinho, era muito legal, tinha areia, grama, tinha uma casinha bem legal.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Da professora.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Brincar de pega pega na hora do recreio e amarelinha.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R:de massinha

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Em casa, porque na escola é lugar de estudar.

9. Você brinca na sua escola? bastante ou pouco?

Sim, no recreio só que é bem pouquinho.

10. Seus professores brincam com vocês?

R:Não, os professores não brincam.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Tem muito espaço, tem a quadra e o parquinho mais está fechado, na sala tem alguns brinquedos, na outra escola tinha um banco bem duro.

ANEXO 2
Criança B (5 anos, Julho)

1.O que é ser criança para você?

R:legal por que criança pode brincar muito.

2.Você gostava do CMEI/Pré da Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Sinto falta dos amigos que eu tinha.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Na outra escola eu só brincava aqui eu tenho que fazer as atividades que a professora faz.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Da professora.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Pega pega, amarelinha e boneca.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: Faz muito tempo, não lembro.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: A gente não brinca aqui (escola) só no parque.

9. Você brinca na sua escola? bastante ou pouco?

Sim, na hora do recreio e no dia do brinquedo

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R:Sim, tem o parquinho que está fechado e o pátio dos pequenos e o pátio dos grandes.

ANEXO 3

Criança C (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É muito ruim, quando as coisas estão muito altas eu não consigo pegar.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: sim, eu brincava muito e fazia muitas atividades que eu gostava, pintava, fazia desenhos e muitas coisas legais.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Aqui eu só estudo porque não sou mais criança.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Na outra escola tinha um parquinho bem legal, aqui não podemos brincar no parquinho por que fica trancado.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R:De jogar futebol no recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol e só.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R:lego, massinha, pokemom.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

Mais ou menos, por que temos que estudar muito, brinco com as crianças, lá perto de minha casa.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, um pouquinho

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Na quadra e as vezes na sala, na minha sala tem um pouquinho de brinquedo na outra tinha mais.

ANEXO 4

Criança D (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: Ah depende tem dias que é bom, mas tem outros que não. É bom o dia que podemos brincar mas quando fizemos bagunça e ficamos de castigo é muito ruim.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Gosto muito mais daqui, por que lá a gente tinha que dormir e eu não gostava.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Lá tinha o parquinho, mas faz muito tempo, aqui tem parquinho mas ainda não está pronto.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R:Hummmm, de futebol.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol e pega pega.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De desenhar.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

Não, lugar de brincar é em casa, minha mãe diz que escola é lugar de estudar e fazer as atividades que a professora pede.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: só um pouquinho na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

Não, na hora do recreio eles tem que descansar.

ANEXO 5

Criança E (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É bom ser criança, eu posso brincar, passear.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Sim, de brincar de massinha, de pintar, brincar no parquinho.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:Lá não tinha essas carteiras que tem aqui e a gente brincava mais.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:Da minha professora e do meu amigo João.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Hummmm, do recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol e basquete.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: gostava do parquinho.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

Não, na escola é lugar de estudar e fazer as atividades.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Só na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Tem lá embaixo no pátio e na sala as vezes, mas os brinquedos ficam naquela caixa em cima do armário e eu não consigo pegar por que eu sou criança.

ANEXO 6

Criança F (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É uma vida muito boa, por que agora posso brincar e quando for adulta vou passar muito tempo no celular.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Eu gostava muito da escolinha Naviozinho, lá tinha três parquinhos.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Lá tinha muitas coisas, tinha um banheiro para meninos e meninas, aqui tem banheiro separado, um para menina e outro para menino.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Sinto saudades das minhas amigas.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: De brincar no parquinho, mas está fechado.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Esconde esconde, pega pega e amarelinha.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: pega pega.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Sim, na hora do recreio para as crianças por que para os professores é hora do intervalo para eles descansarem, por que na sala de aula temos que estudar muito e não da tempo.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R:Aqui não,por que na escola é lugar de estudar, mas a minha mãe brinca muito comigo.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Nessa escola não, mas, lá no naviozinho a professora brincava as vezes.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Tem três espaços, mas um está em reforma

ANEXO 7**Criança G (6 anos)**

1.O que é ser criança para você?

R: Eu acho muito legal, eu gosto muito, porque fazemos coisas que adulto não faz.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Gosto mais dessa por que tem recreio.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Dos brinquedos, lá tinha muitos brinquedos.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: De tudo, da professora.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Pega pega.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De carrinho e de massinha.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Sim, por que tem recreio pra brincar com meus amigos.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Brinco bastante, mas só na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Tem, só no pátio.

ANEXO 8
Criança H (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É fazer a lição e se der tempo brincar um pouquinho.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Não lembro.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:Não sei.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:Nada.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R:Da hora do lanche e do dia do brinquedo. (sexta-feira)

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R:Futebol, carrinho.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R:Não lembro.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Sim, mas de vez em quando.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Sim, tem o pátio, na sala no dia do brinquedo.

ANEXO 9
Criança I (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R:É muito legal ser criança.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Eu gostava muito, tinha muitos amigos lá e a professora.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré) que você sente saudades?

R: Areia, escorregador e outra coisas também, não lembro muito bem.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Da professora, dos amigos e as vezes de brincar, há por que tem dias que não gosto.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol e esconde esconde.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R:De carrinho.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

Não, é lugar de fazer a lição.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: só na hora do recreio, por que na aula temos que estudar muito e fazer os deveres do livro e do caderno.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Tem o recreio.

ANEXO 10
Criança J (5 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: Bem as vezes é difícil, mas as vezes é tranquilo, há é difícil por que tenho que aguentar muitas coisas, acontece coisas ruins e eu tenho que aguentar, por que você se sente sozinho e pensa em coisa triste, como se fosse assim difícil, não sei explicar por que é uma longa história e não posso contar.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Não gostava nem um pouco(Adventista), gosto mais daqui.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: É que aqui eu tenho amigos para brincar, lá eu não tinha muitos amigos.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:Tinha informática, inglês, tinha um parquinho bem grande coberto e também tinha um aberto, sinto saudades do meu amigo que brincava comigo.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Nessa escola o que eu mais gosto é o recreio para brincar.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Feiticeiro.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: Desenhar e de massinha.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: É sim, mas acho que é para estudar.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R:brinco é claro, na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R:Tem a quadra, o parquinho que está fechado, só brinquei lá uma vez, por que estão reformando porque antes tinha terra e agora não.

ANEXO 11
Criança L (5 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É muiiiiiito bom, por que a gente pode brincar muiiiitoooo, e quando crescer não vou poder brincar, por que vou ter que trabalhar.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Da hora do lanche.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: A professora era muito chata e gritava com as crianças o dia todo.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Dos meus amigos e da tia lara.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Da hora do recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol e pega pega.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De pintar e brincar no escorregador do parquinho.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Sim, na hora do recreio brincamos muito, corremos também as vezes, não muito.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R:Sim, brinco bastante com meus amigos.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Acho que não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Sim, tem o pátio dos pequenos e dos grandes, eu queria brincar no pátio dos grandes, há por que é legal.

ANEXO 12
Criança M (7 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É bom porque brincamos e podemos nos divertir.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Não, gosto mais daqui, por que lá no naviozinho é escola de criança pequena, lá eu me divertia mais, mas também me divirto aqui.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Há lá era tudo diferente, há muitas coisas.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: O recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R:De massinha.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Sim, é claro.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, eu brinco de tudo, criança tem que brincar muito.

10. Seus professores brincam com vocês?

R:Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R:Tem no pátio.

ANEXO 13
Criança N (5 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É muito bom ser criança, por que é legal.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Da hora de brincar no parquinho por que as crianças iam lá fora, era ruim dia que chovia por que o parquinho ficava alagado e não dava pra ir.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Eu acho que era mais legal, as crianças brincavam muito e não tinha lição pra fazer em casa e nem aula de reforço.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Do parquinho, tinha uma casinha bem legal.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Da professora e das minhas amigas.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Amarelinha, elástico e pega pega.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De casinha e de pintar.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Não muito, por que temos muitas atividades para fazer.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, na hora do recreio, na sala de aula temos que fazer as atividades.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Sim, tem o pátio e o parquinho, que estão arrumando.

ANEXO 14
Criança O (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R:É legal, podemos brincar de muitas coisas.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Sim, gostava muito, era bem legal lá no CMEI, eu gostava de brincar de Ben 10 com meu amigo.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:..

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: De tudo, lá era bem legal.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R:Da professora e da hora do recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R:Futebol, pega pega.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De carrinho e de massinha.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: É lugar das crianças estudarem, brincar só no recreio.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Brinco pouco no CMEI era melhor eu brincava muito.

10. Seus professores brincam com vocês?

Não, aqui eu tenho que fazer as atividades no livro e no caderno.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R:Não, só no pátio na hora do recreio no CMEI tinha mais espaço, tinha parquinho, escorregador e grama.

ANEXO 15
Criança P (? anos)

Obs.: Não respondeu nada, a cada pergunta que fazíamos ele mostrava o dedo e dizia que tinha um galo no dedo dele e que a água apagava o fogo. Conversamos com a professora e ela disse que ele não tem diagnóstico ainda, ele é criado pela bisavó, que não levou ele ainda pra fazer uma avaliação, observamos ele em sala e ele fica o tempo todo mexendo nas coisas, rasgando os livros, espalhando e jogando tudo que pega, no recreio ele fica correndo de um lado para o outro sem parar.

- 1.O que é ser criança para você?
- 2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?
- 3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?
- 4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?
- 5.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré? O que você mais gosta na nova escola?
- 6.Quais suas brincadeiras preferidas?
- 7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?
8. Você acha que escola também é lugar de brincar?
9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?
10. Seus professores brincam com vocês?
- 11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

ANEXO 16**Criança Q (6 anos)**

1.O que é ser criança para você?

R: Ser criança é muito legal, podemos fazer várias coisas legais, brincar com nossos colegas, passear, e muitas coisas, várias.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Era legal, tinha um monte de coisa,era igual a essa só que era bem antiga, não lembro muito bem de lá.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:Sinto saudades dos meus colegas que eu tinha.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Do recreio, dos meus colegas.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: De pega pega, esconde esconde, várias coisas.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: Eu gostava muito de jogar futebol com uma bola feita de meia é mais legal.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Claro que não, na escola vamos aprender a escrever e fazer as atividades que a professora pede. É lugar de estudar e ficar quieto.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Não muito de vez em quando eu brinco bastante, um pouco, na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Tem sim muitos espaços, há o pátio e o parquinho, mas o parquinho da outra escola era mais legal tinha muitos balanços de pneu e uns brinquedos antigos do tempo dos meus pais que eu brincava com meus colegas.

ANEXO 17
Criança R (7 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: Legal, por que eu gosto só isso.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Gosto mais daqui por que lá eu tinha que sentar no chão, aqui tem cadeiras.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Na outra tinha muito brinquedo, aqui tem pouco e fica em cima do armário.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Não lembro.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R:De estudar.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Pega pega, queimada.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De carrinho.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Só um pouco por que temos que estudar muito, tem muitas atividades.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R:Não, bem pouquinho, o parquinho está em reforma e fica trancado.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não, nunca vi.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: No recreio e na sala as vezes.

ANEXO 18

Criança S

1.O que é ser criança para você?

R: É muito bom, por que podemos brincar de boneca, de casinha, mas também temos que fazer as atividades na escola.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Gostava, mas não lembro muito, só lembro da minha amiga que brincava comigo.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Aqui não tem muito tempo de brincar, tem muita coisa pra escrever, na outra escola eu aprendi a escrever meu nome só.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Tinha parquinho, que eu brincava com minha amiga, era muito legal.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Há de muitas coisas, da professora, do recreio, de brincar.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: De boneca, casinha, amarelinha.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: De casinha com minha amiga.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Não muito, só no recreio, mais é muito pouco.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, um pouco

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R:Tem alguns, o parquinho mas agora ta fechado, eles vão pintar, aí depois vamos poder brincar lá, também tem o pátio das crianças e dos grandes.

ANEXO 19
Criança T (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É bom, podemos brincar com os amigos.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Não lembro muito bem.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Dos meus amigos.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: A professora e da hora do recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol e carrinho.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: Não lembro muito bem.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Não, por que temos que estudar.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R:Sim, na hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Sim, no pátio.

ANEXO 20
Criança U (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: É bom, por que podemos brincar e adulto não pode.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R:Sim, eu gostava.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Ah lá eu tinha hora de dormir, aqui não.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré) que você sente saudades?

R:

5. O que você mais gosta na nova escola?

R:Futebol.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Morto vivo.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: Massinha e várias coisas.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Sim, por que na escola tem lugar pra brincar.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, na educação física e no recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R:Tem a quadra, só na quadra mesmo.

ANEXO 21

Criança V (7 anos)

1.O que é ser criança para você?

R: Ser criança é muito bom, podemos fazer muitas coisas que quando a gente crescer não vai dar para fazer, brincar com os amigos, ganhar brinquedo, há e outras coisas também.

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Não lembro muito bem, já faz muito tempo.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R: Aqui é mais legal, tem a hora do recreio.

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R: Hummmm.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Hummmm, acho que a hora do recreio por que podemos brincar.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Amarelinha, elástico.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R:

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Não, por que não somos mais crianças.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: só ma hora do recreio.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Sim tem, o pátio e o parquinho, mas estão arrumando ele, então não podemos brincar ainda.

ANEXO 22
Criança X (6 anos)

1.O que é ser criança para você?

R:

2.Você gostava do CMEI/Pré Escola? Do que gostava mais no CMEI/Pré?

R: Sim, de brincar de carrinho.

3.Qual as diferenças em relação ao primeiro ano do ensino fundamental?

R:

4.O que tinha antes que não tem agora? O que tinha no CMEI/Pré que você sente saudades?

R:Tinha parquinho e muitos carrinhos, sinto saudades da minha professora e dos meus amigos.

5. O que você mais gosta na nova escola?

R: Da professora e do recreio.

6.Quais suas brincadeiras preferidas?

R: Futebol, pega pega e quebra cabeça.

7.Do que você mais gostava de brincar no CMEI/Pré?

R: Carrinho e assistir desenho.

8. Você acha que escola também é lugar de brincar?

R: Não muito.

9. Você brinca na sua escola? Bastante ou pouco?

R: Sim, só na hora do recreio, um pouco.

10. Seus professores brincam com vocês?

R: Não.

11.A escola tem espaços para brincar? Quais são?

R: Sim, tem o pátio.

ANEXO 23

ENTREVISTA COM O PROFESSORA

1.Sobre o professor(a):

_Qual a sua formação: Pedagogia

_ Tempo de carreira: 28 anos

_Tempo de trabalho nesta escola: Mais ou menos de 7 a 8 anos

2.Professora, qual o significado de infância para você?

R: É a fase do desenvolvimento para outras fases que fazem parte do indivíduo, ou seja, do ser humano. É muito importante o brincar, as brincadeiras, sendo que vejo em nossas crianças que houve mudanças drásticas nesse sentido, na aprendizagem o lúdico ainda permanece.

3. Na mesma linha da pergunta anterior, qual a importância do brincar hoje no Ensino Fundamental?

R:

4.Na escola, há integração entre a Educação Infantil e Ensino Fundamental no processo de transição do pré para o 1º ano?

R:Não, pois no período da manhã não tem pré.

5.A integração acontece nas duas situações:

- Da pré escola para o 1º ano?

- Dos CMEIs do entorno para a Escola?

R:Não, nós professores tentamos realizar atividades para que a criança não sofra.

6.Como professora você pensa ser importante a integração entre educação infantil e ensino fundamental? Por que?

R:Sim, por que é uma transformação na vida da criança.

7. Como é tratado o brincar e a brincadeira neste processo de transição? São realizadas atividades que levam em conta o que se realizava na educação infantil?

R: Sim, levamos em conta o que realizamos na educação infantil.

8. A escola proporciona algum tipo de preparação para essas crianças que ingressam no primeiro ano do ensino fundamental?

R: Sim, ao início do ano letivo, planejamos atividades de preparação.

9. Haetinger (2013) menciona em seu livro “O universo criativo da criança na educação” que as experiências do brincar na escola auxiliam a formação de vínculos entre alunos e professores e certamente facilitam a aprendizagem. Você concorda com essa afirmação?

R:

10. O brincar e as brincadeiras estão presentes no seu planejamento? De que forma? Qual a frequência?

R: Na sexta-feira ficou determinado que podem trazer brinquedos de casa, no dia a dia fizemos muitas atividades lúdicas.

11. Segundo Walter Benjamin (1980), “A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, ou seja, a criança gosta de repetir várias vezes a mesma brincadeira. Na sua opinião, isso contribui para novos conhecimentos das crianças ou não muda muita coisa?

R: Primeiramente cada criança é impar e respeitar seu gosto é nosso dever, aprendem facilmente, então é mesmo pelo gostar a repetição.

ANEXO 24 Autorização de Pesquisa



CURITIBA

Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
Alto da Glória
80030-000 Curitiba PR
Tel 41 33503076
Fax 41 3350 3047
www.curitiba.pr.gov.br

Curitiba, 04 de setembro de 2017.

AUTORIZAÇÃO

Informamos que as pesquisadoras **Barbara Bianca Gomes Medeiros e Patricia Filippetto Fragoso**, alunas de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, orientadas pela Professora Drª Roberlayne de Oliveira Borges Roballo, estão autorizadas a realizar pesquisa sobre "A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CURITIBA: OS DESAFIOS NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL".

O objetivo é:

- Analisar como as Escolas Municipais de Curitiba abordam o brincar no processo de transição da educação infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental, e compreender como a brincadeira está sendo inserida nas propostas pedagógicas dessas instituições.

As pesquisadoras pretendem utilizar as seguintes estratégias:

Os instrumentos utilizados serão:

- Analisar o brincar no processo de transição da educação infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental nas Escolas Municipais de Curitiba;
- Diagnosticar se há uma articulação entre família, profissionais e criança nas escolas para facilitar esse processo de transição;
- Avaliar os documentos oficiais (Constituição, Diretrizes, etc.)
- Consultar a partir de revisão de literatura se a brincadeira está inserida no currículo e no planejamento do primeiro ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Curitiba. Pesquisar se há introdução de brincadeiras nos conteúdos aplicados;



CURITIBA

Prefeitura Municipal de Curitiba
 Secretaria Municipal da Educação
 Superintendência de Gestão Educacional
 Departamento de Ensino Fundamental
 Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
 Alto da Glória
 80030-000 Curitiba PR
 Tel 41 33503076
 Fax 41 3350 3047
 www.curitiba.pr.gov.br

- Diagnosticar os principais problemas enfrentados pelos alunos e professores sobre o brincar no processo de transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental;
- Entender as principais críticas de professores e alunos em relação a brincadeira na Educação Infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental;
- Buscar compreender a partir do trabalho de campo, como é proporcionado o momento do brincar no 1º ano do Ensino Fundamental nas Escolas Municipais de Curitiba.

Os instrumentos utilizados serão:

- Entrevista semi-estruturada com professores;
- Entrevista semi-estruturada com alunos.

A pesquisa será aplicada na Escola Municipal XXXXXXXXXXXX

Duração Total da Pesquisa | Cronograma

Setembro/2017 a Outubro/2017

Informamos ainda que a decisão final de participar da referida pesquisa caberá aos profissionais envolvidos.

Ressaltamos também que o pesquisador deverá entregar **uma cópia impressa e encadernada dos resultados da investigação** para a escola e outra para o Departamento de Ensino Fundamental – Gerência Pedagógica.

Atenciosamente,

Simone Zampier da Silva
 Diretora
 Departamento de Ensino Fundamental

Simone Zampier da Silva
 Decreto nº 80/2017
 Diretora do Dep. de Ens. Fundamental